

SOCIABILIDADES E ESPIRITUALIDADES  
NA IDADE MÉDIA:  
A HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA SOBRE  
OS COMPORTAMENTOS RELIGIOSOS DOS LEIGOS MEDIEVAIS

MARIA DE LURDES ROSA \*

Na presente comunicação, além de uma apresentação – que será sempre apenas “tanto quanto possível” exaustiva – de trabalhos, tentarei caracterizar os principais grupos temáticos da medievalística portuguesa sobre o assunto em apreço, discutindo tanto o porquê da sua existência, como as suas forças e fraquezas. Ao mesmo tempo, procurarei apresentar trabalhos nas mesmas áreas, mas oriundos de outras historiografias, sugerindo formas de aproximação entre ambos.

Na verdade, não se pode afirmar que faltem totalmente estudos sobre a religiosidade dos leigos; o problema é que o tema tem sido abordado de forma dispersa em temáticas de base diferente – como sejam a história dos grupos sociais, a história local e a história das instituições eclesásticas. São raras as abordagens mais direccionadas, e, a meu conhecimento, praticamente nenhuma subordina o inquérito ao tópico da religiosidade dos leigos, entendido como um campo historiográfico com inquéritos e problemáticas próprias, tal como se tem vindo a praticar desde cerca dos anos '60, em diversas historiografias estrangeiras <sup>1</sup>. Assim, teremos de procurar o tema,

---

\* Universidade Nova de Lisboa; membro do CEHR.

<sup>1</sup> Veja-se o nosso ponto da situação em Laicado. I. Época Medieval. – *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos Moreira Azevedo. J-P. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 2001, p. 44-47. Ao que sabemos, a única abordagem especificamente dedicada ao tema é ROSA, Maria de Lurdes – A religião no século: vivências e devoções dos leigos. In *HISTÓRIA Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos Moreira Azevedo. Vol. 1: *Formação e limites da Cristandade*. Coord. de Ana Maria Jorge; Ana Maria Rodrigues. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 2000, p. 423-510. Mais recentemente analisámos o tema da religiosidade/vida

maioritariamente, nos trabalhos dedicados a temas como confrarias, peregrinações, festas, morte, literatura religiosa, vertentes sociológicas da adesão/ ingresso/ protecção a estruturas eclesiásticas. Se isto não é um mal em si, porque muito da vivência religiosa dos leigos passava pelas esferas assim estudadas, também é certo que uma visão completa de fenómenos complexos não se faz a partir do somatório de conhecimentos marginalmente adquiridos... Em especial, a definição de um inquérito específico pode e deve conduzir à interrogação das próprias fontes usadas – que, desde logo, raramente são produzidas pelos leigos –, ao estabelecimento de conceitos de análise correctos (interrogar, por exemplo, a origem e a função da distinção «clérigos/ leigos»; ou, de forma mais profunda, a já mencionada questão da própria «religião medieval») e à percepção global das funções sociais globais das várias “partes” que constituíam a «religiosidade dos leigos».

Passaremos de seguida em revista os principais campos destas contribuições parciais, procurando não só indicar os trabalhos realizados mas também explicar as razões de pujanças e lacunas.

Destacaremos em primeiro lugar, e de longe, pelo número e variedade, os estudos sobre o movimento confraternal e assistencial<sup>2</sup>. Há várias monografias sobre instituições isoladas (Miragaia<sup>3</sup>; da Rainha Santa Isabel, em Coimbra<sup>4</sup>; Espírito Santo<sup>5</sup>, Santa Maria de Palhais<sup>6</sup>, e hospital de João

---

privada, em Sagrado, devoções e religiosidade, na *História da Vida Privada*, dir. José MATOSO, vol. 1, “Idade Média”, dir. de Bernardo Vasconcelos e Sousa, Círculo de Leitores (no prelo).

<sup>2</sup> Tentámos de seguida apresentar um panorama tanto quanto possível completo. Remetemos porém, ainda, para duas obras de síntese e bibliografia: COELHO, Maria Helena – As confrarias medievais portuguesas: espaços de solidariedade na vida e na morte. In SEMANA DE ESTUDIOS MEDIEVALES, 19, Navarra, 1992 – *Cofradías, gremios y solidaridades en la Europa medieval*. Estella: Departamento de Educación y Cultura de Navarra, 1993, p. 149-183; e *PORTUGALIAE Monumenta Misericordiarum*. Coord. José Pedro Paiva. Vol. 1: *Fazer a História das Misericórdias*. Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2001, p. 282 ss.

<sup>3</sup> BARROS, Amândio J. Morais – São Pedro de Miragaia, uma confraria e gentes do mar no século XV. In CONGRESSO INTERNACIONAL BARTOLOMEU DIAS E A SUA ÉPOCA, Porto, 1989 – *Actas*. Vol. 4. Porto: Universidade do Porto; Comissão Nacional Comemoração Descobrimientos Portugueses, 1989, p. 301-310; IDEM – A Confraria de S. Pedro de Miragaia do Porto, no século XV. Porto [s.n.], 1991. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

<sup>4</sup> MACEDO, Francisco Pato de – O hospital de Santa Isabel junto ao mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. In *JOÃO Afonso de Santarém e a assistência hospitalar escalabitana durante o Antigo Regime*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, 2000, p. 144-159.

Afonso de Santarém, todos em Santarém <sup>7</sup>; Santo António dos Portugueses, em Roma <sup>8</sup>); sobre tipologias (leprosarias <sup>9</sup>, mercearias <sup>10</sup>); sobre a incidência regional do fenómeno (Braga <sup>11</sup>, Guimarães <sup>12</sup>, Porto <sup>13</sup> e Norte de

---

<sup>5</sup> MATA, Luís A. S. Nunes – *Ser, ter e poder: o hospital do Santo Espírito de Santarém nos finais da Idade Média*. Leiria: Ed. Magno; Câmara Municipal de Santarém, 2000.

<sup>6</sup> CONDE, Manuel Sílvio; DAVID, Dionísio J. – O hospital de Santa Maria de Palhais da Ribeira de Santarém e a assistência medieval portuguesa (monografia histórico-arqueológica). *História e Crítica*. 5 (1980) 32-46; MATA, Luís A. S. Nunes – O rosto do bem: apontamentos para o estudo da Confraria de Santa Maria de Palhais nos finais da Idade Média (1422-1500). In *JOÃO Afonso de Santarém*, p. 80-107.

<sup>7</sup> CUSTÓDIO, Jorge – O palácio da doença em Santarém. O hospital de Jesus Cristo (1426-1840). Subsídios. In *JOÃO Afonso de Santarém*, p. 16-64; RODRIGUES, Martinho Vicente – O Hospital de Jesus Cristo: um legado de João Afonso à terra que o viu nascer. In *ibidem*, p. 65-69.

<sup>8</sup> ROSA, Maria de Lurdes – *Santo Antonio dei Portoghesi*: elementos para a história do hospital nacional português em Roma (sécs.XIV-XX). *Lusitania Sacra*. 5 (1993) 319-378.

<sup>9</sup> MATTOSO, José – Sociedade cristã e marginalidade na Idade Média: a Gafaria da Senhora do Monte. In *Portugal medieval: novas interpretações*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1984, p. 123-133; CONDE, Manuel Sílvio – Subsídios para o estudo dos gafos de Santarém (séculos XIV-XV). *Estudos Medievais*. 8 (1987) 99-165; RAMOS, Maria Odete N. – *O património da confraria de São Gião de Monção: séculos XV-XVI*. Porto: [s.n.], 2002. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Porto. Texto policopiado; SILVA, Carlos – *A capela de São Lázaro e a gafaria de Sintra*. Sintra: Santa Casa da Misericórdia, 1999; BEIRANTE, Ângela – A gafaria de Évora. *A Cidade de Évora*. 1 (1994-1995) 213-218.

<sup>10</sup> PEREIRA, Isaías da Rosa – As obras de misericórdia na Idade Média: as mercearias de Maria Esteves. In *JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL*, 1, Lisboa, 1972 – *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média: actas*. Vol. 2. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1973, p. 717-759; MORENO, Humberto B. – O Infante D. Pedro e as merceiras da Rainha D. Leonor. In *ibidem*, p. 671-684.

<sup>11</sup> MARQUES, José – Os pergaminhos da confraria de S. João do Souto da cidade de Braga: 1185-1545. *Bracara Augusta*. 36 (1982) 71-199.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, António José de – A confraria do serviço de Santa Maria de Guimarães (séculos XIV-XVI). Porto [s.n.], 1999. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Porto. Texto policopiado; o A. continuou a publicar sobre o assunto, devendo ver-se, por último, O hospital da Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães (séculos XV-XVI). In *CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES D. MANUEL E A SUA ÉPOCA*, 3, Guimarães, 2001 – *D. Manuel e a sua época: actas*. Vol. 2: *Igreja e assistência*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2004, p. 603-615; MARQUES, José – A confraria de São Domingos de Guimarães (1498). *Revista da Faculdade de Letras*. 1 (1984) 57-95.

<sup>13</sup> CRUZ, António – A assistência na cidade do Porto e o seu termo durante a Idade Média. In *JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL*, 1 – *A pobreza e a assistência aos pobres*, vol. 1, p. 329-344.

Portugal <sup>14</sup>, Coimbra <sup>15</sup>, Santarém <sup>16</sup>, zona estremenha/ Oeste <sup>17</sup>, Lisboa <sup>18</sup>, Évora <sup>19</sup>, Montemor-o-Novo <sup>20</sup>); sobre o seu enquadramento cultural e

---

<sup>14</sup> ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de – Caminhos da assistência no Norte de Portugal. In JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL, 1 – *A pobreza e a assistência aos pobres*, vol. 1, p. 39-57; MARQUES, José – A assistência no Norte de Portugal nos finais da Idade Média. *Revista da Faculdade de Letras do Porto – História*. 6 (1989) 11-93.

<sup>15</sup> COELHO, Maria Helena – A assistência em Coimbra em tempos manuelinos. In CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES D. MANUEL E A SUA ÉPOCA, 3 – *D. Manuel e a sua época*, vol. 2, p. 377-408; SARAIVA, Anísio M. de S. – A propriedade urbana das confrarias e hospitais de Coimbra nos finais da Idade Média. *Revista de Ciências Históricas*. 10 (1995) 155-194.

<sup>16</sup> SILVA, Maria Manuela T. dos Santos; CONDE, Manuel Sílvio – Recursos económicos de algumas instituições de assistência de Santarém nos finais da Idade Média. In JORNADAS de história medieval: 1383-1385 e a crise geral dos séculos XIV-XV: *actas*. Lisboa: História & Crítica, 1985, p. 69-98; SILVA, Maria Manuela T. dos Santos – A assistência social na Idade Média. Estudo comparativo de algumas instituições de beneficência em Santarém. *Estudos medievais*. 8 (1987) 171-242; SANTOS, Maria José A. – A escrita do bem e o bem da escrita: a assistência em Santarém no século XV. In *JOÃO Afonso de Santarém*, p. 108-119.

<sup>17</sup> GONÇALVES, Iria – Formas medievais de assistência em meio rural estremenho. In JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL, 1 – *A pobreza e a assistência aos pobres*, vol. 1, p. 434-454. IDEM – *As confrarias medievais da região de Alcanena. Boletim do Centro de Estudos Históricos e etnológicos*. Ferreira do Zêzere. 4 (1989) 9-97; SILVA, Maria Manuela – Religiosidade, caridade e assistência em lugares do Oeste: tradição e inovação. In CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES D. MANUEL E A SUA ÉPOCA, 3 – *D. Manuel e a sua época*, vol. 2, p. 409-415.

<sup>18</sup> NOGUEIRA, José Maria António – Algumas notícias acerca dos hospitais existentes em Lisboa e suas proximidades antes da fundação do hospital de Todos os Santos: 15 de Maio de 1492. In IDEM – *Esparsos: arqueologia, etnografia, bibliografia e história*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934, p. 75-125; CORREIA, Fernando da Silva – Os velhos hospitais de Lisboa antiga. *Revista Municipal*. 2: 14 (1941) 3-13; FERRO, Maria José P. – Nótulas para o estudo da assistência hospitalar aos pobres em Lisboa: os Hospitais de D. Maria de Aboim e do Conde D. Pedro. In JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL, 1 – *A pobreza e a assistência aos pobres*, vol. 1, p. 371-400. A bibliografia indicada mostra, porém, que há muito a estudar sobre este tema para a cidade de Lisboa, o que se tornou mais fácil e muito proveitoso depois da incorporação e disponibilização do acervo documental do Hospital de S. José no IAN/TT (sobre este fundo e a sua enorme riqueza, cf. ROSA, Maria de Lurdes – «*As almas herdeiras*». *Fundação de capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de direito (Portugal, 1400-1521)*. Lisboa: [s.n.], 2005, p 241 ss. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Texto policopiado. Uma primeira utilização deste fundo para a história dos hospitais medievais lisboetas, reveladora da sua importância, pode ver-se em LEME, Margarida – *O património dos hospitais medievais na Lisboa manuelina*. Lisboa: [s.n.], 2006. Relatório do

religioso<sup>21</sup>; sobre a relação destes corpos com outros da sociedade medieval, em particular a Coroa<sup>22</sup> e a Igreja<sup>23</sup>, mas também os municípios<sup>24</sup>.

---

Seminário de História Económica e Social do Mestrado em História, área de História e Arqueologia Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>19</sup> SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – *A propriedade das albergarias de Évora nos finais da Idade Média*. Lisboa: INIC, 1990; IDEM – O Crepúsculo da assistência medieval na Évora do século XV. In CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES D. MANUEL E A SUA ÉPOCA, 3 – *D. Manuel e a sua época*, vol. 2, p. 349-360; CLÁUDIO, Ana Sofia – *São as confrarias refúgio dos humildes?: contributo para o estudo das elites eborenses no final da Idade Média*. Évora: [s.n.], 2002. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Évora. Texto policopiado.

<sup>20</sup> FONSECA, Jorge – *Os hospitais de Montemor-o-Novo entre os séculos XIII e XVI*. Montemor-o-Novo: Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, 2004.

<sup>21</sup> MARQUES, José – Pobreza e instituições eclesíásticas na Idade Média. *Revista de Ciências Históricas*. 11 (1996) 23-38; COELHO, Maria Helena – As confrarias medievais portuguesas: espaços de solidariedade na vida e na morte; ROSA, Maria de Lurdes – Lieux d'assistance médiévale et architecture hospitalière au Portugal. In *ARCHEOLOGIE et architecture hospitalières de l'Antiquité tardive à l'aube des temps modernes*. Dir. François-Olivier Touati. Paris: Boutique de l'Histoire, 2004, p. 259-293; IDEM – Dinheiro, poder e caridade: elites urbanas e estabelecimentos de assistência (1274-1345). In *HISTÓRIA Religiosa de Portugal*, vol. 1, p. 460-470; IDEM – «*As almas herdeiras*», p. 308 ss.

<sup>22</sup> TRINDADE, Maria José Lagos – Notas sobre a intervenção régia na administração das instituições de assistência nos fins da Idade Média. In JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL, 1 – *A pobreza e a assistência aos pobres*, vol. 2, p. 873-887; BRAGA, Paulo Drumond – A crise dos estabelecimentos de assistência aos pobres nos finais da Idade Média. *Revista Portuguesa de História*. 26 (1991) 175-190; ROSA, Maria de Lurdes – O Estado manuelino: a reforma de capelas, hospitais, albergaria e confrarias. In *O TEMPO de Vasco da Gama*. Dir. Diogo Ramada Curto. Lisboa: Difel, 1998, p. 205-210; IDEM – «*As almas herdeiras*», p. 109 ss.; ROMÃO, Ramiro M. B. Teixeira – A reorganização manuelina da assistência em Barcelos: os casos da gafaria e do hospital do concelho. In CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES D. MANUEL E A SUA ÉPOCA, 3 – *D. Manuel e a sua época*, vol. 2, p. 589-600; MENDONÇA, Manuela – A reforma da saúde no reinado de D. Manuel. In *ibidem*, p. 333-348.

<sup>23</sup> COSTA, António – Hospitais e albergarias na documentação pontifícia da segunda metade do século XV. In JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL, 1 – *A pobreza e a assistência aos pobres*, vol. 1, p. 259-260; GOMES, Saul A. – Notas e documentos sobre as confrarias portuguesas entre o fim da Idade Média e o século XVII: o protagonismo dominicano de Santa Maria da Vitória. *Lusitania Sacra*. 7 (1995) 89-150; IDEM – A propósito do hospital de Santa Maria da Vitória (Batalha) no século XV. *Revista Portuguesa de História*. 27 (1992) 43-62; IDEM – *O livro do compromisso da Confraria e Hospital de Santa Maria da Vitória da Batalha (1427-1544)*. Leiria: Ed. Magno, 2002; SÁ, Isabel dos Guimarães – Igreja e assistência em Portugal no século XV. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. 53 (1995) 219-236.

E há igualmente importantes artigos de síntese <sup>25</sup>, bem como abundante publicação de fontes <sup>26</sup>. É, sem dúvida, o campo mais desenvolvido do tema em apreço, fruto tanto de um interesse historiográfico já antigo (já passam 30 anos da realização e posterior publicação das *Actas das Jornadas sobre pobreza e assistência aos pobres...* <sup>27</sup>) – e, na altura, bastante a par do que se fazia no estrangeiro <sup>28</sup>, o que era caso raro – como da ligação do tema a um fenómeno sociocultural português de longa duração, as Misericórdias, cuja vitalidade orgânica e implantação local tem sido de molde a alimentar interesse por este aspecto do passado, mesmo ao nível

---

<sup>24</sup> MARTINS, Miguel – Entre a gestão e as ingerências: a administração hospitalar municipal da Lisboa de Quatrocentos. In *JOÃO Afonso de Santarém*, p. 120-131.

<sup>25</sup> FERRO, Mário José P. – Assistência social caritativa: I: assistência na Idade Média. In *DICIONÁRIO de História da Igreja em Portugal*. Coord. António Banha de Andrade. Lisboa: Resistência, 1980, vol. 1, p. 635-6761; IDEM – Pobreza e morte em Portugal na Idade Média. Lisboa: Editorial Presença, 1989; BEIRANTE, Ângela – Confrarias medievais portuguesas. Lisboa: Ed. Autor, 1990; COELHO, Maria Helena – As confrarias medievais portuguesas: espaços de solidariedade na vida e na morte; PENTEADO, PEDRO – Confrarias. In *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal. A-C*, p. 459-470; outros trabalhos deste A., embora se refiram à Época moderna, contêm muitos dados de interesse para o medievalista: PENTEADO, Pedro – Confrarias portuguesas na época moderna: problemas, resultados e tendências da investigação. *Lusitania Sacra*. 7 (1995) 15-52; IDEM – Confrarias. In *HISTÓRIA Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos Moreira Azevedo. Vol. 2: *Humanismos e Reformas*. Coord. João Francisco Marques, A. Camões Gouveia. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 323-334.

<sup>26</sup> Remetemos aqui para as notas do artigo de COELHO, Maria Helena – As confrarias medievais portuguesas, bem como para o primeiro e segundo volumes de *PORTUGALLIAE Monumenta Misericordiarum*, onde se podem encontrar referências e documentação editada; posteriormente, surgiu, a nosso conhecimento: *CONFRARIAS medievais da região de Torres Novas: os bens e os compromissos*. Transc. Leonor Damas Lopes. Torres Novas: Câmara Municipal, 2001.

<sup>27</sup> O Colóquio realizou-se em 1972, tendo as actas sido publicadas um ano depois, com o título *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1973, 2 vols.

<sup>28</sup> Em 1962, o 7º *Convegno del Centro di Studi sulla Spiritualità medievale*, em Todi, tratava o tema “Povertà e ricchezza nella spiritualità dei secoli XI e XII” (actas publ. em 1979); em 1972, o 97e. *Congrès National des Sociétés Savantes*, em França, foi dedicado a “Assistance et assistés jusqu’à 1610 (actas publ. em 1979); Michel Mollat trabalhava este assunto nos anos ’70, tendo dirigido em 1974 um volume colectivo intitulado *Études sur l’histoire de la pauvreté* (Paris: Publ. de La Sorbonne, 1974, 2 vols.); o seu mais influente trabalho, neste âmbito e para a época medieval, foi publicado em 1978 – *Les pauvres au Moyen Âge: étude sociale*. Paris: Hachette, 1978. Assim, José Mattoso, no seu artigo em *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média*, aponta já uma década de estudos sobre o tema, fora de Portugal.

dos historiadores não profissionais e eruditos locais <sup>29</sup>. A pujança deste tema tem porém uma outra explicação, pela negativa, e que é particularmente útil para perceber algumas razões do subdesenvolvimento do tema global da religiosidade dos leigos entre nós. É que era, nos anos '60/ '70 do século XX, um tema historiograficamente novo, que não cabia na antiga história eclesiástica praticada sobretudo no âmbito das instituições da Igreja, de forma mais ou menos confessional. Uma das fileiras acima referidas, as monografias locais e/ou estudos sobre Misericórdias, tinha por agentes estudiosos locais, oriundos das elites instruídas, com frequência sem preocupações de a-confessionalidade, mas quase sempre sem pertença à instituição eclesiástica; a outra fileira, a da investigação universitária em tímidas vias de renovação, que foi a promotora do colóquio de 1972 sobre a pobreza e assistência, entrou a partir de 1974 numa renovação aberta e rápida que, com a criação dos mestrados nos anos 80, e outros fenómenos do «boom» universitário da mesma época, pôde dedicar-se ao tema de forma continuada e seguindo os parâmetros correntes da historiografia mais avançada <sup>30</sup>.

Assim, os dois vectores de independência institucional, em relação à Igreja, e da capacidade institucional de acompanhar a renovação historiográfica estrangeira, revelam-se as traves mestras da pujança deste campo

---

<sup>29</sup> A reunião de obras realizada no vol. 1 dos *PORTUGALIAE Monumenta Misericordiarum*, é a este respeito perfeitamente elucidativa, e para lá remetemos. A leitura do artigo de Maria António Lopes, no mesmo volume, ajuda ainda a compreender o ambiente político e cultural das Misericórdias da época contemporânea, no qual se forjou este tipo de obras (LOPES, Maria Antónia – As Misericórdias de D. José ao final do século XX. *PORTUGALIAE Monumenta Misericordiarum*. Coord. José Pedro Paiva. Vol. 1, p. 79-117).

<sup>30</sup> Sobre a evolução da historiografia, cf. MATTOSO, José – Perspectivas actuais da investigação e da síntese na historiografia medieval portuguesa. *Revista de História económica e social*. 9 (Janeiro-Junho 1982) 145-162; FONSECA, Luís Adão da – La historiografia medieval portuguesa (1940-1984). In *LA HISTORIOGRAFIA en Occidente desde 1945: actitudes, tendencias, problemas*. Ed. V. Vazquez de Prada [et al.] Pamplona: Eunsa, 1985, p. 51-67; HOMEM, Armando Luís de Carvalho [et al.] – Por onde vem o medievalismo em Portugal. *Revista de História Económica e Social*. 22 (1988) 115-138; COELHO, Maria Helena – A história medieval portuguesa: caminhos percorridos e a percorrer. *Media Aetas*. 1 (1991) 53-68; HOMEM, Armando Luís de Carvalho – O medievalismo português em liberdade: Portugal, anos 70/ anos 90. *Signum. Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*. 3 (2001) 173-207; DUARTE, Luís Miguel – Sociedade e Economia Medievais: fraquezas e forças da historiografia portuguesa. *Bollettino dell' Istituto Storico Italiano per il Medio Evo*. 106: 2 (2004) 273-298; BOISSELIER, Stéphane; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – Pour un bilan de l'historiographie sur le Moyen Age portugais au XXe siècle. *Cahiers de Civilisation Médiévale*. 49 (2006) 213-256.

de estudos. Diga-se de passagem que, na história da historiografia contemporânea, os dois fenómenos estiveram interligados: como já terá sido dito em vários lugares destas Jornadas, foi condição *sine qua non* para a formulação de todo um outro campo problemático para a História religiosa a laicização dos seus praticantes e a abertura eclesiástica dos anos '60 do século XX.<sup>31</sup> Isto é tanto mais interessante quanto nos pode ajudar – a nós, historiadores profissionais – a pensar quais são as modificações teórico-institucionais necessárias para o próximo «salto de paradigma» – nomeadamente, verdadeiro trabalho interdisciplinar. Por exemplo, no caso das confrarias, a consideração das perspectivas dos historiadores modernistas franceses, italianos e espanhóis, sobre a natureza orgânica daquelas, e a sua inserção numa «sociedade de corpos» como era a de Antigo Regime, poderão auxiliar ao uso interpretativo dos dados monográficos<sup>32</sup>. Bem dentro do medievalismo, é Anita Guerreau-Jalabert que usa as confrarias como caso exemplar de “elemento no qual se manifesta o papel estruturante da instituição eclesiástica e dos valores cristãos na sociedade medieval”, destacando como elemento unificador, entre todos os tipos de confraria, o culto a um santo patrono e a prática da *caritas*. Assim, por exemplo, a consideração destes elementos como centrais em “confrarias de ofícios”, permite ver como uma estrutura religiosa pode ser, em múltiplos casos, suporte de elementos que para nós são da ordem do social e do económico<sup>33</sup>. Quanto

---

<sup>31</sup> Entre vários trabalhos neste sentido, cf., no que ao medievalismo diz respeito, PACAUT, Marcel; GUILLEMIN, Bernard – Histoire de l'Église. In *L'HISTOIRE médiévale en France: bilan et perspectives*. Ed. Michel Balard. Paris: Éd. du Seuil, 1999, p. 127-150; VAUCHEZ, André [et al.] – Histoire des mentalités religieuses. In *ibidem*, p. 151-175.

<sup>32</sup> Cf., por exemplo, GROSSI, Paolo – *Unanimitas*. Alle origini del concetto di persona giuridica nel diritto canonico. *Annali di storia del diritto*. 2 (1958) 229-331; WEISSMAN, Ronald F. E. – *Ritual brotherhood in Renaissance Florence*. Nova Iorque: Academic Publ., 1982; FLYNN, Maureen – *Sacred charity: confraternities and social welfare in Spain, 1400-1700*. Ithaca; Londres: Cornell UP, 1989; FROESCHLÉ-CHOPARD, Marie-Hélène – *Espace et sacré en Provence (XVIe.-XXe. siècles): cultes, images, confréries*. Paris: Éd. du Seuil, 1994; *CONFRATERNITE, Chiesa e società*. Dir. Liana Bertoldi Lenoci. Fasano: Schena Ed., 1994; para a época medieval, citem-se, como metodologicamente interessantes, para além da obra de Maureen Flynn acima referida, VINCENT, Catherine – *Les confréries médiévales dans le royaume de France: XIIIe.-XVe. siècles*. Paris: Albin Michel, 1994; HENDERSON, John – *Piety and charity in late medieval Florence*. Oxford: Clarendon Press, 1994 e BROADMAN, J. W. – *Charity and welfare: hospitals and the poor in medieval Catalonia*. Filadélfia: Pennsylvania U.P., 1998.

<sup>33</sup> GUERREAU-JALABERT, Anita – *L'ecclēsia médiévale, une institution totale*, p. 224. In *LES TENDANCES actuelles de l'histoire du Moyen-Âge en France et en*

à «assistência», também ela tem sido objecto de novos questionamentos, que conviria não perder de vista <sup>34</sup>.

Tem também suscitado algum interesse entre nós o conjunto de manifestações da religiosidade a que poderíamos chamar «exteriorizadas», e que vai da peregrinação à festa sacra (procissões, sobretudo), passando pelos actos públicos do culto dos santos, nomeadamente o «milagre». A obra pioneira de Mário Martins, *Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*, logo em inícios dos anos '50, delineou verdadeiramente um campo de estudos, com indicação de fontes e de temas <sup>35</sup>; um pouco mais tarde, A. H. de Oliveira Marques daria novo impulso ao assunto, nos capítulos dedicados à “crença” e às “distracções”, no seu *A sociedade medieval portuguesa: aspectos da vida quotidiana* (1963), obra perfeitamente a par do que se fazia, em termos de historiografia universitária, no país então destacado líder da renovação da História, a França <sup>36</sup>. O estudo das festas e procissões tem depois sido cultivado por vários historiadores [curiosamente (ou talvez não) – há que averiguá-lo no âmbito da história do género! – «todos» historiadoras]: Iria Gonçalves <sup>37</sup>, Maria Helena Coelho <sup>38</sup>, Maria João Branco <sup>39</sup>, Adelaide Millán da Costa <sup>40</sup>.

---

*Allemagne*. Dir. Jean-Claude Schmitt; O. G. Oexle. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002, p. 218-226.

<sup>34</sup> Ponto da situação e sugestões de «agenda» em TOUATI, François-Olivier – Un dossier à rouvrir: l'assistance au Moyen-Âge. In CONGRES NATIONAL DES SOCIETES HISTORIQUES ET SCIENTIFIQUES, 121, Nice, 1996 – *Fondations et oeuvres charitables au Moyen-Âge: actes*. Paris, C. T. H. S., 1999, p. 23-38.

<sup>35</sup> *Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*. *Revista Portuguesa de História*. 5 (1951) 87-236; a obra teve uma 2ª ed., a mais conhecida: Lisboa: Brotéria, 1957.

<sup>36</sup> Lisboa: Livraria Sá da Costa Ed., 1963.

<sup>37</sup> GONÇALVES, Iria – As festas do *Corpus Christi* do Porto na segunda metade do século XV: a participação do concelho. *Estudos medievais*. 4-5 (1985) 3-23.

<sup>38</sup> COELHO, Maria Helena – *Festa e sociabilidade na Idade Média*. Coimbra: Delegação do INATEL/ Associação para o desenvolvimento e defesa da Alta de Coimbra, 1994. A Autora prepara actualmente um capítulo sobre o mesmo tema para a *História da Vida Privada*. Dir. José Mattoso, a publicar no Círculo de Leitores a partir de 2008.

<sup>39</sup> SILVA, Maria João V. Branco – A procissão na cidade: reflexões em torno da festa do Corpo de Deus na Idade Média portuguesa. In JORNADAS INTER E PLURIDISCIPLINARES, Lisboa, 1993 – *A cidade: Jornadas Inter e Pluridisciplinares: [actas]*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, vol. 1, p. 196-217.

<sup>40</sup> COSTA, Adelaide Maria Millán – *Projecção espacial de domínios: das relações de poder ao burgo portuense (1385-1502)*. Lisboa: [s.n.]. 1999, p. 336 ss. Dissertação de doutoramento apresentada à Unoversidade Aberta. Texto policopiado.

Parece-nos que haveria sem dúvida interesse em aproximar novos trabalhos das perspectivas que partem de uma consideração antropológica da festa e da procissão medieval <sup>41</sup>, como das ricas análises dos modernistas, para o caso português <sup>42</sup>; por outro lado, está de parte quase totalmente, ainda (se excluirmos os estudos importantes, mas já antigos, que vão de Solange Corbin e Fernando de Mello Moser a Mário Martins <sup>43</sup>) a questão das representações teatrais litúrgicas e das que daí derivam <sup>44</sup>. Mas seria pelo menos já possível recolher a informação dispersa nas várias monografias dedicadas a mosteiros, conventos, outras instituições religiosas – e mesmo nas capelas privadas, fadoras de enriquecimento litúrgico comunitário –, quanto ao papel de todas na animação pastoral e litúrgicas das populações, vertente que muito contribuía para as identificar como pólos

---

<sup>41</sup> P.e. ZIKA, Charles – Hosts, processions and pilgrimages: controlling the sacred in Fifteenth-century Germany. *Past & Present*. 118 (Fevereiro 1988) 25-64, que demonstra como a procissão tardo-medieval do *Corpus Christi* prosseguiu a prática de tocar os locais de protecção («rodear a cidade»).

<sup>42</sup> MARQUES, João Francisco – A renovação das práticas devocionais. In *HISTÓRIA religiosa de Portugal*, vol. 2, p. 562-63; GOUVEIA, António Camões – Procissões. In *ibidem*, p. 334-345.

<sup>43</sup> Respectivamente, e cit. apenas as obras mais emblemáticas: CORBIN, Solange – *Essai sur la musique religieuse portugaise à la fin du Moyen Âge*. Paris: Les Belle Lettres, 1952; MOSER, F. Mello – *Liturgia e iconografia na interpretação do «Auto da Alma»*. Coimbra: [s.n.], 1962 [sep. da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 3: 6 (1962)]; MARTINS, Mário – Canções marianas musicadas nos Autos Vicentinos. *Didaskalia*. 7 (1977) 399-430; IDEM – O teatro litúrgico na Idade Média peninsular. *Estudos de cultura medieval*. Lisboa: Verbo, 1969, p. 23-33; IDEM – O teatro sagrado na legislação dos sínodos medievo-portugueses. *Estudos de literatura medieval*. Braga: Livr. Cruz, 1956, p. 505-518; infelizmente muito parco em referências documentais, e não prosseguido, o artigo de A. Dias Miguel sobre formas teatrais presentes nas procissões de *Corpus Christi* aponta porém para uma promissora investigação (MIGUEL, A. Dias – Entremezes e representações na procissão do Corpo de Deus, no reinado de D. Manuel (1509-1514). *Colóquio*. 43 (1967) 65-67.

<sup>44</sup> Cujas abordagens, noutras medievalísticas, têm trazido elementos de grande renovação. Cf., por exemplo, embora já com algumas décadas, DONOVAN, R. – *The liturgical drama in medieval Spain*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1958; e HARDISON, O. B. – *Christian rite and Christian drama in the Middle Ages: essays on the origin and early history of modern drama*. Londres e Baltimore: The John Hopkins Press, 1965; recentemente, cf., por exemplo, SWANSON, R. N. – Medieval liturgy as theatre: the props. In *THE CHURCH and the arts*. Ed. Diana Wood. Oxford: Basil Blackwell, 1992, p. 239-253; *DRAMA and community: people and plays in medieval Europe*. Dir. A. HINDLEY. Turnhout: Brepols, 1999; PALAZZO, Éric – *Liturgie et société au Moyen-Âge*. Paris: Aubier, 2000.

dispensadores de graças e de festa sagrada, prisma sob o qual têm sido pouco analisadas <sup>45</sup>. Poderia servir de modelo a outras abordagens a forma exemplar como Luís Krus desenhou o perfil de «celeiro», material e espiritual, com que Santa Cruz de Coimbra, através da promoção/ controle de cultos, se impôs no contexto das pestes, crises cerealíferas e inspecções do poder leigo das primeiras décadas do século XV <sup>46</sup>.

A dimensão da peregrinação, em geral englobada em aspectos vários do culto dos santos e dos milagres, foi alvo de interesse pelo círculo de alunos de Luís Krus e dele próprio, bem como de vários outros investigadores (Santa Senhorinha <sup>47</sup>, São Vicente <sup>48</sup>, Mártires de Marrocos <sup>49</sup>, Cavaleiro Henrique <sup>50</sup>, Infante Santo <sup>51</sup>, Mártires de Lisboa <sup>52</sup>, Nuno Álvares

<sup>45</sup> Para referir apenas alguns exemplos, vejam-se dados em GOMES, Saul – *O mosteiro de Santa Maria da Vitória no século XV*. Coimbra: Instituto de História da Arte, 1990, p. 353 ss; MARTINS, Armando – *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, 703 ss, 730-732; sobre as capelas neste prisma, cf. o nosso «*As almas herdeiras*», p. 509 ss.

<sup>46</sup> KRUS, Luís – Celeiro e relíquias: o culto quatrocentista dos Mártires de Marrocos e a devoção dos Nus. *Studium Generale. Estudos contemporâneos*. 6 (1984) 21-42.

<sup>47</sup> GAMEIRO, Odília – *A construção das memórias nobiliárquicas medievais: o passado da linhagem dos senhores de Sousa*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 2000. Cf. ainda TAVARES, Pedro Vilas Boas – Senhorinha de Basto: memórias literárias da vida e milagres de uma santa medieval. *Via Spiritus*. 10 (2003) 7-37.

<sup>48</sup> KRUS, Luís – São Vicente e o mar: das relíquias à moeda. In IDEM – *Passado, memória e poder na sociedade medieval portuguesa. Estudos*. Redondo: Patrimonia, 1994, p. 143-148; NASCIMENTO, Aires A.; GOMES, Saul A. – *S. Vicente de Lisboa e os seus milagres medievais*. Lisboa: Ed. Didaskalia, 1988; e a investigação global do tema em DIAS, Isabel – *Culto e memória textual de São Vicente*. Faro: [s.n.], 2003. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Algarve. Texto policopiado.

<sup>49</sup> KRUS, Luís – Celeiro e relíquias.

<sup>50</sup> PEREIRA, Armando de Sousa – *Representações da guerra no Portugal da Reconquista (séculos XI-XIII)*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2003, p. 76 ss.; IDEM – Guerra e santidade: o cavaleiro-mártir Henrique de Bona e a conquista cristã de Lisboa. In ENCONTRO A NOVA LISBOA MEDIEVAL, 1, Lisboa, 2002 – *A nova Lisboa medieval: actas*. Coord. Núcleo Científico de Estudos Medievais. Lisboa: Colibri, 2005, p. 51-74 [cf. também *Lusitania Sacra*. 17 (2005) 15-38]. Sobre usos da santidade em contextos de guerra, e martírios tardo-medievais “Vom Hieligen Grafen zum Moriskenen-Märtyrer: Funktionen der Sakralität im Kontext der nordafrikanischen Kriege (1415-1521)”. In *Novos Mundos- Neue Welten. Portugal und das Zeitalter der Entdeckungen*. Ed. Michael Kraus, Hans Ottomeyer. Berlin/ Dresden: Deutsches Historisches Museum/ Sandstein Verlag, 2007, p. 89-105 [trad. portuguesa disponível em [http://www.dhm.de/ausstellungen/neue-welten/pt/docs/Maria\\_de\\_Lurdes\\_Rosa.pdf](http://www.dhm.de/ausstellungen/neue-welten/pt/docs/Maria_de_Lurdes_Rosa.pdf) – Do «santo conde» ao mourisco mártir: usos da santidade no contexto da guerra norte-africana (1415-1521)].

<sup>51</sup> FONTES, João Luís – *Percursos e memória: do Infante D. Fernando ao Infante*

Pereira <sup>53</sup>, Nossa Senhora da Oliveira <sup>54</sup>, Afonso Henriques <sup>55</sup>, N. Senhora da Atalaia <sup>56</sup>, a criança e o milagre <sup>57</sup>, etc.). Neste âmbito temático tem vindo ainda a fazer-se alguma publicação de fontes, em particular de livros de milagres (por vezes com estudos sobre os santuários e os cultos) <sup>58</sup>, que

---

*Santo*. Cascais: Patrimonia, 2000; BRAGA, Paulo Drumond – O mito do «Infante Santo». *Ler História*. 25 (1994) 3-10; REBELO, António M. R. – Sob o signo do VI Centenário do nascimento do Infante Santo (1402-2002). *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002) 517-530.

<sup>52</sup> GAMEIRO, Odília – Sociologia e geografia do culto medieval dos Santos Mártires de Lisboa. In *LISBOA medieval. Os rostos da cidade*. Coord. Luís Krus, Luís F. Oliveira, João L. Fontes. Lisboa: Livros Horizonte, 2007, p. 371-387; GOUVEIA, Mário de – O culto dos santos mártires de Lisboa na fronteira ocidental do reino de Leão (séculos X-XI). In *LISBOA medieval. Os rostos da cidade*, p. 388-399.

<sup>53</sup> MOITEIRO, Gilberto – Da Lisboa de Nun'Álvares à Lisboa do Santo Condes-tável: uma nova devoção na cidade dos reis de Avis. In ENCONTRO A NOVA LISBOA MEDIEVAL, 1 – *A nova Lisboa medieval: actas*, p. 121-132; ROSA, Maria de Lurdes – A santidade no Portugal medieval: narrativas e trajectos de vida. *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002) 369-450.

<sup>54</sup> MARQUES, José – Santa Maria da Oliveira, centro nacional de peregrinações. In SIMPÓSIO MARIOLÓGICO, Braga, 1993 – *Santuário de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Penha: Simpósio Mariológico: actas*. Braga: Univ. Católica Portuguesa, Fac. de Teologia, 1994; ROSA – «As almas herdeiras», p. 76 ss.; IDEM – Santa Maria da Oliveira, demónios e reis: o uso do poder sagrado por um santuário medieval. *Boletim de Trabalhos Históricos do Arquivo Municipal de Guimarães* (2007-2008) 135-209.

<sup>55</sup> ROSA, Maria de Lurdes – O corpo do chefe guerreiro, as chagas de Cristo e a quebra dos escudos: caminhos da mitificação de Afonso Henriques na Baixa Idade Média. In CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES, 2, Guimarães, [2000] – *2<sup>o</sup> Congresso Histórico de Guimarães: actas*. Guimarães: Câmara Municipal: Universidade do Minho, 1997, vol. 3, p. 85-123.

<sup>56</sup> BEIRANTE, Ângela – Um santuário de romaria no tempo da Expansão: Nossa Senhora da Atalaia (Montijo). *Revista Portuguesa de História*. 36: 1 (2002-2003) 173-199.

<sup>57</sup> OLIVEIRA, Ana Maria – *A criança na sociedade medieval portuguesa*. Lisboa: Teorema, 2007.

<sup>58</sup> FERNANDES, Maria Alice – *Livro dos milagres dos Santos Mártires (edição e estudo)*. Lisboa: [s.n.]: 1988. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa. Texto policopiado; FERNANDES, Cristina Célia Oliveira – O «Livro dos Milagres de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Oliveira de Guimarães». *Revista de Guimarães*. 109 (1999) 217-297; BEIRANTE, Maria Ângela – *O livro dos milagres de Nossa Senhora das Virtudes: estudo histórico*. Azambuja: Câmara Municipal da Azambuja, 2004 [sobre o local, cf. também VENTURA, Margarida Garcez [et al.] – A igreja de Santa Maria das Virtudes: diversas temporalidades de um local de devoção. *Via Spiritus*. 7 (2000) 77-97]; GUIMARÃES, Jorge G. – *São Gonçalo de Lagos: hagiografia, culto e memória: século XVI/ XVIII*. Torres Vedras: Ed. Município de Torres Vedras, 2004. Estudo sobre a Época Moderna, mas com útil síntese sobre milagres e culto medievais. Veja-se, por fim, SOBRAL, Cristina – *Hagiografia em Portugal: balanço e perspectivas. Medievalista on-line*, 3 (2007).

seria desejável prosseguir. No seu conjunto, o campo de estudos tem sido claramente desenvolvido sob o signo da investigação universitária, com problemáticas e bibliografia actualizadas, e pode apontar-se como um caso exemplar de rigor e abrangência. Há no entanto muito a fazer, porque escasseiam estudos sobre a real dimensão dos movimentos peregrinos, sobre os santuários de peregrinação enquanto tal, sobre a relação entre pregação/ outra propaganda e os santuários, sobre a atitude devocional do peregrino. E, dado que a questão da peregrinação/ santuários tem ocupado um importante lugar na historiografia medieval e moderna europeia (em especial franco-italiana, com projectos internacionais em curso ou terminados, e já com publicações), de novo seria importante um *aggiornamento* dos nossos inquéritos <sup>59</sup>.

Menos cultivado tem sido o estudo do que poderíamos chamar, por comodidade, práticas religiosas «paralelas». Não podemos nem querer entrar aqui no campo da discussão terminológica ou conceptual – se eram populares ou se a distinção sociológica estrita não tem sentido; se eram rebeldes a, ou meramente coexistiam com, as da igreja institucional; se encontravam as suas raízes numa articulada «religião europeia pré-cristã», que continuaria viva, mais ou menos clandestinamente, depois do triunfo do Cristianismo, ou se não passavam de apropriações «comuns» deste...

---

<sup>59</sup> Citaremos, por exemplo, *LUOGHI sacri e spazi della santità*. Ed. Sofia Boesch-Gajano e Lucetta Scaraffia. Turim: Rosenberg & Sellier, 1990; *VITA religiosa e identità politiche: universalità e particolarismi nell'Europa del tardo Medioevo*. Dir. Sergio Gensini. San Miniato: Fondazione Centro di Studi sulla Civiltà del Tardo Medioevo; Pacini Ed., 1998; e o projecto em curso sobre o culto de S. Miguel na Europa, de que já foi publicado *CULTE et pèlerinages à Saint Michel en Occident: les trois monts dédiés à l'archange*. Dir. Pierre Bouet, Giorgio Otranto et André Vauchez. Rome: École française de Rome, 2003. Em Itália decorreu entre 1997 e 2004 um projecto de levantamento dos santuários e locais de peregrinação (disponível em <http://www.santuariocristiani.iccd.beniculturali.it/>) e em França iniciou-se em 2002 a mesma tarefa, seguindo uma metodologia semelhante (<http://www.coldev.org/sanctuaires/>), contando com a colaboração do programa de pesquisas “SALVÉ – Sources, acteurs et lieux de la vie religieuse à l'Époque médiévale (CNRS) e do Centre d'Anthropologie Religieuse Européenne (EHESS), que desde há anos tem vindo a fomentar investigações na temática das peregrinações cristãs (podendo ver-se, por exemplo, com participações portuguesas, *RENDRE ses vœux: les identités pèlerines dans l'Europe moderne (XVIe.-XVIIIe. siècle)*. Dir. Philippe Boutry [et al.]. Paris: Éd. EHESS, 2000; o mesmo sucedendo no livro, ed. já no âmbito da EFR/ IUE, *PÈLERINS et Pèlerinages dans l'Europe moderne*. Dir. Philippe Boutry e Dominique Julia. Roma: EFR, 2000). Embora centradas na Época moderna, estas obras contêm evidentemente numerosos temas de interesse para o medievalista.

Este debate, que pouco eco encontrou entre nós, de resto <sup>60</sup>, teve o seu momento áureo nos anos '80, e conduziu, posteriormente, à realização de múltiplas aproximações parcelares e monográficas de grande interesse, bem como a reflexões teóricas susceptíveis de alterar significativamente a nossa visão da «Cristandade medieval», como é o caso das interrogações de Jean-Claude Schmitt quanto à adequação do conceito de «religião» para caracterizar o «sistema religioso medieval» <sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup> José Mattoso discutiu alguns aspectos teóricos, optando por vias conciliadoras e preferencialmente empíricas [cf. *Aculturação religiosa na Idade Média. Trabalhos de antropologia e etnologia*. 30: 1-4 (1990) 83-93; *A inculturação religiosa à luz da experiência medieval. Communio*. 8 (1991) 540-547; *Raízes da missionação portuguesa*. In CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA SOBRE MISSIONAÇÃO PORTUGUESA E ENCONTRO DE CULTURAS, Lisboa, 1992 – *Missionação portuguesa e encontro de culturas: actas*. Vol. 1. Braga: U.C.P., 1993, p. 67-80].

<sup>61</sup> Evidentemente, não apenas por causa do problema teórico das diferentes vivências «sociais» da religiosidade, mas encontrando aqui um ponto de partida não despidendo. Cf. o debate que começou com a crítica de John Van Engen à visão do Cristianismo medieval apresentada nos anos '70 pelas investigações de Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt [ENGEN, John Van – *The Christian Middle Ages as an historiographical problem. American Historical Review*. 91 (1986) 519-552; a que o último A. respondeu na “Introdução” a *RELIGIONE, folklore e società nell’Occidente medievale*. Roma; Bari: 1988]. O debate porém não foi encerrado, e continua até aos nossos dias, se bem que em posições menos extremas [cf., sobre o processo, LAUWERS, Michel – *Religion populaire, culture folklorique, mentalités: notes pour une anthropologie culturelle du Moyen-Âge. Revue d’Histoire Écclesiastique*. 8. 82 (1987) e VAUCHEZ, A. [et al.] – *Histoire des mentalités religieuses*, p. 158 ss; sobre as posições actuais dos protagonistas, cf. o prefácio de SCHMITT, Jean Claude – *Le corps, les rites, les rêves, le temps: essais d’anthropologie médiévale*. Paris, Gallimard, 2001, e ENGEN, John van – *The future of medieval church history. Church History*. 71: 3 (2002) 492-522]. O quadro que acabámos de apresentar é obviamente esquemático, e seria preciso ter em conta múltiplos debates adjacentes, como sejam aqueles em torno da feitiçaria, com Carlo Ginzburg, R. Kieckhefer, e muitos outros, bem como as propostas de uma outra historiografia, a inglesa, que também descobriu a riqueza e a diversidade das «religiões vividas», sem porém recorrer a estes modelos explicativos, antes conseguindo inserir a religiosidade própria dos leigos numa reconstrução global das suas vivências sociais e pessoais [cf., por exemplo, as síntese de BROWN, Andrew D. – *Popular piety in late medieval England: the diocese of Salisbury, 1250-1550*. Oxford: Clarendon Press, 1995; DUFFY, Eamon – *The stripping of the altars: traditional religion in England, 1400-1580*. New Haven e Londres: Yale U. P., 1992; SWANSON, R. N. – *Church and society in late medieval England*. 2ª ed. Oxford; Cambridge (USA): Blackwell, 1993; IDEM – *Religion and devotion in Europe, c. 1215-c.1515*. Cambridge: CUP, 1995; estas obras encontram algum paralelo em França em LOBRICHON, Guy – *La religion des laïcs en Occident (XIe-XVe. siècles)*. Paris: Hachette, 1994]. Num âmbito alargado e interpretativo, é hoje indispensável, quanto à Igreja e seu papel na sociedade, BASCHET, Jérôme –

A medievalística portuguesa abordou esta temática por diversas vezes, em termos monográficos. Há estudos sobre as manifestações mais claramente heterodoxas, aquelas que os clérigos consideravam num espectro largo, do ignorante ao maléfico, passando pela categoria mais geral de «supersticiosas»: temos assim estudos sobre as possessões diabólicas<sup>62</sup>, a blasfémia<sup>63</sup>, a persistência de cultos «pagãos» da natureza<sup>64</sup>, a forma como os sínodos diocesanos «corrigiam» a religiosidade quotidiana<sup>65</sup>, a feitiçaria<sup>66</sup> e a necromancia<sup>67</sup>, a manipulação de imagens sacras<sup>68</sup>, os provérbios<sup>69</sup> (para além de

---

*La civilisation féodale. De l'an Mil à la colonisation de l'Amérique.* 3.<sup>a</sup> ed. rev. Paris: Flammarion, 2006.

<sup>62</sup> MATTOSO, José – Saúde corporal e saúde mental na Idade Média portuguesa. *Fragments de uma composição medieval.* Lisboa: Estampa, 1987, p. 233-252; MORENO, Humberto Baquero – Um possesso do demónio no século XV. In *EXILADOS, marginais e contestários na sociedade medieval portuguesa: estudos de História.* Lisboa: Estampa, p. 72-77; ROSA, M.<sup>a</sup> de Lurdes – Santa Maria da Oliveira, demónios e reis.

<sup>63</sup> DUARTE, Luís M. – «A boca do diabo»: a blasfémia e o direito penal português na Baixa Idade Média. *Lusitania Sacra.* 4 (1992) 61-82; ROSA – «*As almas herdeiras*», p. 89 ss.

<sup>64</sup> ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – Paganismo: sua sobrevivência no Ocidente peninsular. In *In memoriam António Jorge Dias.* Lisboa: Instituto de Alta Cultura; Junta de Investigações do Ultramar, 1974, vol. 2, p. 17-37.

<sup>65</sup> SILVA, Maria João V. Branco M. da – Norma e desvio: comportamentos e atitudes face ao sagrado na diocese bracarense (sécs. VI-XVI). In CONGRESSO INTERNACIONAL IX CENTENÁRIO DA DEDICAÇÃO DA SÉ DE BRAGA – *Actas.* Vol. 2/2. Braga: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa; Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, p. 119-146.

<sup>66</sup> MORENO, Humberto B. – A feitiçaria em Portugal no século XV. In *MARGINALIDADE e conflitos sociais em Portugal no século XV: estudos de História.* Lisboa: Ed. Presença, 1985, p. 61-78; PALLA, Maria José – *La sorcière et l'entremetteuse dans le théâtre de Gil Vicente.* Paris: CTHS, 1991 (separata de *ACTES du 115<sup>e</sup> Congrès National des Sociétés Savantes*, 1990); IDEM – Images du sabbat et figures de magicienne dans l'oeuvre de Gil Vicente. In *LE SABBAT des sorciers (XVe.-XVIIIe. siècles).* Dir. Nicole Jacques Chaquin, Maxime Préaud. Grenoble: Jérôme Millon, 1993, p. 316-29; BAUBETTA, Patricia Anne Odber de – *Igreja, pecado e sátira social na Idade Média portuguesa.* Lisboa: IN-CM, 1997.

<sup>67</sup> MATTOSO, José – A necromancia na Idade Média. *Humanitas.* 50 (1998) 264-283 (o artigo não se refere particularmente à realidade portuguesa, embora utilize fontes da mesma).

<sup>68</sup> MATTOSO, José – Liturgia monástica e religiosidade popular na Idade Média. *Estudos Contemporâneos.* Porto. 6 (1984) 11-20.

<sup>69</sup> Deixando para outro local a discussão da exclusiva «popularidade» destes, em termos de produção e circulação – como bem salienta a primeira tentativa de abordagem ao tema,

todas as inúmeras práticas menos ortodoxas relacionadas com o culto dos santos de que falam, em geral, embora não de forma específica, os trabalhos que acima referenciamos). Mas há muito a fazer, desde identificar novas fontes – o caso dos relatos de aparições diabólicas do *Novo Memorial do Estado Apostólico* é exemplar <sup>70</sup> – até explorar as existentes com bases em metodologias mais complexas e rigorosas do que as quantificações e tipologias de milagres/ «superstições», por exemplo. Neste sentido, são exemplares as propostas de leitura dos diferentes níveis de construção social do sobrenatural feitas por estudiosas norte-americanas do fenómeno da possessão feminina e/ ou das entidades diabólicas/ fantasmagóricas, como Barbara Newman <sup>71</sup> e Nancy Caciola <sup>72</sup> (recorrendo a metodologias tão diversas como a moderna *performative theory* e a erudita reconstrução da visão medieval teológico-médica do sistema de orifícios e canais corporais).

Numa outra esfera, a tentativa de isolar «fundos míticos» nas narrativas de origem leiga e eclesiástica (desde os fragmentos de «gestas», «romances», «fantásticos», até aos *exempla* ou aos relatos de milagres), poderia ganhar com técnicas de mitologia comparada – e contextualizante – como as que François Delpech tem aplicado de forma sistemática a fontes ibéricas das épocas medieval e moderna <sup>73</sup>. Neste âmbito, ainda que não

---

infelizmente pouco prosseguida, de MATTOSO, José – Sur les proverbes medievales portugaises. In COLLOQUE LITTERATURE ORALE TRADITIONNELLE POPULAIRE, Paris, 1986 – Actes. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1987, p. 533-560.

<sup>70</sup> Cf. infra, nota 184.

<sup>71</sup> NEWMAN, Barbara – Possessed by the spirit: devout women, demoniacs, and the apostolic life in the thirteenth century. *Speculum*. 73 (1998) 733-770.

<sup>72</sup> Uma teorização completa da possessão por espíritos como processo de “formação de identidade” é feita em CACIOLA, Nancy – Mystics, demoniacs and the physiology of spirit possession in Medieval Europe. *Comparative studies in Society and History*. 42: 2 (April 2000) 268-306. Sobre a importância social conferida pelas capacidades mediúnicas, cf. ainda, da A., Spirits seeking bodies: death, possession and communal memory in the Middle Ages. In *THE place of the dead: death and remembrance in the Late medieval and Early modern Europe*. Ed. Bruce Gordon, Peter Marshall. Cambridge: Cambridge U.P., 2000, p. 66-86. Quanto a um outro tema/fontes, as representações da “dança dos mortos”, cf. idêntica démarche em Wraiths, revenants and ritual in medieval culture. *Past & Present*. 156 (1996) 3-45.

<sup>73</sup> Entre outros: *Como puerca en cenegal: remarques sur quelques naissances insolites dans les légendes généalogiques ibériques*. In *LA CONDICIÓN de la Mujer en la Edad Media*. Madrid: Univ. Complutense, 1986, p. 343-370; La naissance de Jacques I *El Conquistador*: histoire, légende, mythe et rituels. *La Légende*. Madrid: Casa de Velázquez; Univ.

seguindo exactamente estas metodologias, há porém que salientar a existência de válidas investigações, cuja continuidade seria muito importante; citaríamos aqui os estudos de José Mattoso sobre as «narrativas dos Livros de Linhagens»<sup>74</sup> e o «cantar dos Infantes de Lara»<sup>75</sup>, bem como o fundamental trabalho Luís Krus sobre a «Lenda da Dama de Pé de Cabra»<sup>76</sup>. Uma prática escassamente cultivada entre nós é o aproveitamento comparativo dos dados da tradição etnográfica – apesar das boas recolhas que dela temos, de Leite de Vasconcelos até à geração actual. Um exemplo da importância desta *démarche* é a obra de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que tão bem soube ligar conhecimentos de várias fontes, da arqueologia e história à antropologia e etnografia<sup>77</sup>. O trabalho inverso, por parte dos estudiosos da literatura tradicional de recolha contemporânea, tem encontrado seguidores como João David Pinto Correia<sup>78</sup> ou Alette Galhoz<sup>79</sup>.

---

Complutense, 1989, p. 69-101; Rite, légende, mythe et société: fondations et fondateurs dans la tradition folklorique de la Péninsule Ibérique. *Medieval Folklore*. 1 (1991) 10-56; Marques corporelles et symbolique trifonctionnelle: exemples ibériques. *Le Corps comme métaphore dans l'Espagne des XVIe et XVIIe siècles: du Corps métaphorique aux métaphores corporelles*. Ed. A. Redondo. Paris: Public. de la Sorbonne, 1992, p. 93-105; *Camino del infierno tanto anda el cojo como el viento*. Monosandalisme et magie d'amour. *Enfers et Damnations dans le monde hispanique et hispano-américain. Actes du Colloque International*. Paris: P.U.F., 1996, p. 175-191; Le Chevalier – fantôme et la Maure Reconnaissant: remarques sur le légende de Muño Sancho de Finojosa. In *LE MYTHE de la Chasse Sauvage dans l'Europe Médiévale*. Ed. Ph. Walter. Paris: Champion, 1997, p. 73-123.

<sup>74</sup> MATTOSO, José (selecção, introdução e comentários) – *Narrativas dos livros de linhagens*. A consultar na versão revista editada no vol. 5 das *Obras Completas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.

<sup>75</sup> MATTOSO, José – Sangue e família no Cantar dos Infantes de Lara. In *ESTUDOS e ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*. Lisboa: Sá da Costa, 1988, p. 207-216.

<sup>76</sup> KRUS, Luís – A morte das fadas: a lenda genealógica da Dama do Pé de Cabra. *Ler História*. 6 (1985), p. 3-34.

<sup>77</sup> Para além do já referido Paganismo (cf. nt. 64), veja-se, por exemplo, Território paroquial no Entre-Douro-e-Minho: sua sacralização. *Nova Renascença*. 2 (1981) 202-212, e *Carácter mágico do toque das campainhas: apoteopaicidade do som*. Porto: Junta Distrital, s.d. (separata de *Revista de Etnografia*, nº 12).

<sup>78</sup> Por exemplo, em *Le cycle des romances du Conde Claros: proposition de systématisation*. In *COLLOQUE LITTÉRATURE ORALE TRADITIONNELLE POPULAIRE – Actes*, p. 301-314.

<sup>79</sup> Por exemplo, em: Cantigas paralelísticas da tradição oral de Trás-os Montes e do Algarve. In *CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL*, 4, Lisboa, 1991 – *Actas*. Org. Aires A. Nascimento e Cristina A. Ribeiro. Lisboa: Ed. Cosmos: 1993, vol. 4, p. 11-18.

Na fronteira destas temáticas, invadindo-o, está a questão da cultura e a práxis «religiosa» da nobreza, nas suas raízes guerreiras, tribais e linhagísticas. Numa sociedade onde a guerra foi tão estruturante, muito há a fazer sobre as santidades guerreiras «ortodoxas» – de Santiago ao Cristo das batalhas<sup>80</sup> – e «heterodoxas» (a crença na supremacia do corpo, do

---

<sup>80</sup> Com os seus trabalhos sobre cultura genealógica da nobreza, José Mattoso inaugurou o tema entre nós; se bem que estes estudos não abordassem o tema referido de forma específica, encontram-se neles diversos elementos afins, bem como, sobretudo, a definição de um campo de fontes a explorar [referimo-nos sobretudo a: MATTOSO, José – A literatura genealógica e a cultura da nobreza em Portugal (s. XIII- XIV). In IDEM – *Portugal medieval*, p. 309-328; IDEM – João Soares Coelho e a gesta de Egas Moniz. In *ibidem*, p. 409-435; IDEM – Cavaleiros andantes: a ficção e a realidade. In IDEM – *A nobreza medieval portuguesa: a família e o poder*. Lisboa: Estampa, 1981, p. 353-369; e o já citado *Narrativas dos Livros de linhagens*]. A tarefa foi prosseguida depois por alguns dos seus discípulos («directos» e «indirectos»), como sejam Luís Krus, com Os heróis da Reconquista e a realeza sagrada medieval peninsular: Afonso X e a primeira *Crónica Geral de Espanha. Penélope*. 4 (1989) 5-18; IDEM – O tema das origens da nobreza portugalense no relato fundacional dos senhores da Maia (finais do século XIII). In COLÓQUIO A MEMÓRIA DA NAÇÃO, Lisboa, 1987 – *A Memória da Nação: colóquio do Gabinete de Estudos de Simbologia*. Lisboa: Sá da Costa, 1991, p. 71-79; IDEM – O discurso sobre o passado na legitimação do senhorialismo português dos finais do século XIII. In IDEM – *Passado, memória*, p. 197-207, Armando Pereira (cf. nota 50), Bernardo Vasconcelos e Sousa, em O Sangue, a Cruz e a Coroa, a memória do Salado em Portugal. *Penélope. Fazer e desfazer a História*. 2 (1989) 27-48, e IDEM – *Os Pimentéis: percursos de uma linhagem da nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XIV)*. Lisboa: IN-CM, 2000, p. 165-171); aguarda-se a tese de Pedro Picoito sobre os santos da Reconquista; OLIVEIRA, Luís Filipe – *A casa dos Coutinhos: linhagem, espaço e poder (1360-1452)*. Cascais: Patrimonia, 1999, p. 28 ss.; ROSA, Maria de Lurdes – O corpo do chefe guerreiro In 2º CONGRESSO Histórico de Guimarães; IDEM – Mortos- «tidos por vivos»: o tribunal régio e a capacidade sucessória das «almas em glória» (campanhas norte-africanas, 1472-c. 1542). *Anais de História de Além-Mar*, 6 (2005) 9-46; IDEM – Velhos, novos e mutáveis sagrados... Um olhar antropológico sobre formas «religiosas» de percepção e interpretação da conquista africana (1415-1521). *Lusitania Sacra*. 18 (2006) 18-85. ROSA, M.ª de Lurdes – *Por detrás de Santiago e além das feridas bíblicas. Mitologias perdidas da função guerreira*. Comunicação apresentada às VI Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval. Novembro 2008 (no prelo). Sobre a guerra na prosa historiográfica portuguesa nos séculos XIV e XV, reflectindo «a importância do fenómeno que lhe corresponde (...)» [etc.], cf. AMADO, Teresa, dir. – *A guerra até 1450: ideia e prática, imagem do inimigo*. Lisboa: Quimera, 1994; para o final da Idade Média, a cultura militar da nobreza e as suas fontes (técnicas mas também romanescas), foram estudadas por MONTEIRO, João Gouveia – *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Ed. Notícias, 1998. Há depois trabalhos dispersos, mais uma vez susceptíveis de fornecer elementos, como sejam FALCÃO, José António; PEREIRA, Fernando A. Baptista – *O alto-relevo de Santiago combatendo os mouros da Igreja matriz de Santiago do Cacém*. 2ª ed. Beja; Santiago do

sangue, do armamento guerreiro e das chefias bélicas)<sup>81</sup>... No contexto já mais áulico e urbano da baixa Idade Média, teremos as recuperações «civilizadas» da componente religiosa dos antepassados, como as realizadas em capelas e panteões, nomeadamente através dos epitáfios mas também de outros cerimoniais, para-litúrgicos ou relacionados com objectos sacros – por vezes suscitando a censura eclesiástica<sup>82</sup>; mas é preciso não esquecer que, pela mesma época, as mortes dos guerreiros continuavam a suscitar leituras em chave sacrificial e/ ou heróica, como seja as de D. Pedro e de Álvaro Vaz de Almada em Alfarrobeira<sup>83</sup>, ou dos cavaleiros do norte de África<sup>84</sup>... Um «mar magno» a explorar seria, por fim, a forma como tipos literários próprios ou prezados pela nobreza, ou seja, a composição poética, a «literatura cavaleiresca» e a historiografia/ cronística (mormente a de família, como as obras de Zurara sobre os Meneses), enquanto, difundiam conteúdos religiosos (e quais), e equacionavam parâmetros da actividade nobre a partir de questões religioso-morais (a guerra, por exemplo). Neste âmbito, embora, de novo, raramente haja uma focalização específica, os

---

Cacém: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja; Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 2001 ou BOISSELIER, Stéphane – Organisation sociale et altérité culturelle dans l'agionymie médiévale du midi portugais. *Lusitania Sacra*. 17 (2005) 255-298. Seria interessante explorar mais a fundo este tema, utilizando e comparando com as sugestivas análises da historiografia francesa e norte-americana, de que são expoente, por exemplo, FLORI, Jean – *La guerre sainte: la formation de l'idée de croisade dans l'Occident chrétien*. Paris: Aubier, 2001; O'CALLAGHAN, Joseph F. – *Reconquest and Crusade in Medieval Spain*. Filadélfia: Univ. of Pennsylvania Press, 2004; BARTHELEMY, Dominique – *Chevaliers et miracles: la violence et le sacré dans la société féodale*. Paris: Armand Colin, 2004; ROSENWEIN, Barbara – Feudal war and monastic peace: cluniac liturgy as ritual aggression. *Viator*. 2 (1971) 129-157; IDEM – Perennial prayer at Agaune. In *MONKS and nuns saints and outcasts: religion in medieval society: essays in honour of Lester K. Little*. Ed. Sharon Farmer, B. H. Rosenwein. Ithaca: Londres: Cornell UP, 2000, p. 37-56.

<sup>81</sup> ROSA – O corpo do chefe guerreiro; IDEM – Velhos, novos e mutáveis sagrados.

<sup>82</sup> Cf. abordagens e bibliografia em ROSA, Maria de Lurdes – *O morgadio em Portugal: modelos e práticas de comportamento linhagístico*. Lisboa: Estampa, 1995; IDEM – «As almas herdeiras», p. 428 ss; em torno de algumas linhagens têm sido feito estudos neste sentido, mais ou menos exaustivos, cf. para os Meneses, para além da obra acima citada, *O morgadio em Portugal*, p. 124 ss., CAMPOS, Nuno Silva – *D. Pedro de Meneses e a construção da Casa de Vila Real (1415-1437)*. Lisboa: Ed. Colibri; CIDEHUS-UE, 2004 e MOURA, Carlos – *A linhagem do Conde D. Pedro de Meneses: percursos e estratégias de poder político, social e senhorial*. Lisboa: [s.n.], 2005. Dissertação de mestrado apresentada à FCSH/UNL. Texto policopiado; OLIVEIRA, Luís F. – *A casa dos Coutinhos*, p. 49-52.

<sup>83</sup> FONSECA, Luís A. – A morte como tema de propaganda política na historiografia e na poesia portuguesa do século XV. *Biblos*. 69 (1993) 507-538: 526-528.

trabalhos de A. Resende Oliveira <sup>85</sup>, Graça Videira Lopes <sup>86</sup>, Aida Fernandes Dias <sup>87</sup>, Carlos Riley <sup>88</sup>, José Carlos Miranda <sup>89</sup>, Elisa Esteves <sup>90</sup>, Carla Silvério <sup>91</sup>, Teresa Amado <sup>92</sup>, Luísa Marinho Antunes <sup>93</sup>, Albano Figueiredo <sup>94</sup>, António Casaca <sup>95</sup>, bem como os já numerosos estudos sobre a «matéria de Bretanha» <sup>96</sup>.

<sup>84</sup> Remetemos para os nossos estudos citados na nota 80.

<sup>85</sup> OLIVEIRA, A. Resende de – *Depois do espectáculo trovadoresco: a estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Ed. Colibri, 1994.

<sup>86</sup> LOPES, Graça V. – *A sátira nos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 1994.

<sup>87</sup> DIAS, Aida F. – A temática. In RESENDE, Garcia de – *Cancioneiro Geral*. Vol. 4. Lisboa: IN-CM, 1998, p. 376 ss.

<sup>88</sup> RILEY, Carlos Guilherme – *Os «Doze de Inglaterra»: a ficção e a realidade*. Ponta Delgada: [s.n.], 1988. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentado à Universidade dos Açores. Texto dactilografado; IDEM – Da origem inglesa dos Almadãs: genealogia de uma ficção linhagística. *Arquipélago. História*. 11 (1989) 153-169. O elemento «religioso», em sentido estrito, não está particularmente focado nestes trabalhos, mas a questão da importância do carácter mítico dos antepassados sim, bem como a importância da força guerreira (função?), o que nos remete para outros panteões.

<sup>89</sup> MIRANDA, José Carlos – A lenda de Gaia dos Livros de Linhagens. Uma questão de literatura? *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literatura*. 2.<sup>a</sup> S. Vol. V, t. 2 (1988) 483-515.

<sup>90</sup> ESTEVES, Elisa Rosa P. N. – *Estudo estético-literário: a Crónica Geral de Espanha de 1344*. Évora: Pendor, 1997. É particularmente rica a forma como a A. demonstra a construção da sacralidade da *Hespanha*, neste tipo de literatura e nesta obra em particular (“paraíso matricial”, “refúgio ou receptáculo do corpo do Apóstolo Santiago”), permitindo-nos assim compreender modelos presentes, entre outros locais, na mentalidade régia e nobiliárquica em relação à (re-)conquista norte-africana (nomeadamente a questão de Santiago).

<sup>91</sup> SILVÉRIO, Carla Serapicos – *Representações da realeza na cronística medieval portuguesa*. Lisboa: Colibri; FCSH-UNL, 2004.

<sup>92</sup> AMADO, Teresa – Os nobres e o poder de Deus. *Revista de História das Ideias*. 19 (1997) 177-193; e IDEM, dir – *A guerra até 1450*.

<sup>93</sup> ANTUNES, Luísa Marinho – *A doutrina da guerra nas crónicas portuguesas dos séculos XIV e XV*. Lisboa: [s.n.], 1995. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa. Texto policopiado.

<sup>94</sup> FIGUEIREDO, Albano de – *O ideal de cavalaria na Crónica da Tomada de Ceuta de Gomes Eanes de Zurara*. Coimbra: [s.n.], 1996. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Coimbra. Texto policopiado.

<sup>95</sup> CASACA, António A. N. – *O olhar do Outro na Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*. Lisboa: [s.n.], 2000. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Aberta. Texto policopiado.

<sup>96</sup> Sendo um campo de vasta bibliografia, mas um pouco marginal ao nosso tema, que nos seja permitido remeter somente para NEVES, Leonor Curado [at al.], coord. – *Matéria de Bretanha em Portugal*. Lisboa: Colibri, 2002 e para a bibliografia posterior dos autores e seus discípulos.

Numa esfera cultural diversa, a produção, consumo, circulação, de prosa e poesia religiosa e/ ou moralística, em ambientes leigos, tem atraído a atenção dos estudiosos. Destacaria algumas importantes direcções. Em primeiro lugar, a investigação vinda da área da literatura, em que se destacam Aires do Nascimento<sup>97</sup>, João Dionísio<sup>98</sup>, Cristina Sobral<sup>99</sup>, José Adriano Freitas de Carvalho<sup>100</sup>; depois, os contributos inovadores que a perspectiva da história da Filosofia tem trazido, nomeadamente, à prosa moralística da Dinastia de Avis<sup>101</sup>, campo que de resto já detinha uma notável

---

<sup>97</sup> De uma vasta e inovadora obra – nomeadamente na questionação do conceito de «literatura» para classificar esta produção escrita – apenas os textos mais recentes e de síntese, onde se podem encontrar as referências anteriores: NASCIMENTO, Aires A. do – Língua portuguesa e mediações religiosas. *Icalp. Revista*. 14 (Dezembro 1988) 82-99; IDEM – A tradução portuguesa da *Vita Christi* de Ludolfo da Saxónia: obra de príncipes em «serviço de Nosso Senhor e proveito comum». *Didaskalia*. 29 (1999) 563-587; IDEM – A Igreja na História da Cultura: percursos do livro em Portugal na Idade Média. *Igreja e missão*. 184 (2000) 139-201; IDEM – Literatura religiosa. I. Época medieval. In *DICIONÁRIO de História Religiosa de Portugal*, vol. 3, p. 113-125.

<sup>98</sup> DIONÍSIO, João – D. Duarte e a leitura. *Revista da Biblioteca Nacional*. 6: 2 (1991) 7-17; IDEM – D. Duarte, leitor de Cassiano. Lisboa: [s.n.], 2000. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Texto policopiado; IDEM – Literatura franciscana no «Leal Conselheiro» de D. Duarte. *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002) 491-515; IDEM – *Il Viridarium Principum di Andrea de Pace in Portogallo*. Comunicação à conferência *I francescani e la politica*, realizada em Palermo em 2002 (Disponível em <http://www.clul.ul.pt/equipa/jdionisio/palit.pdf>, consultado em 20-04-2007).

<sup>99</sup> Referindo só os mais directamente ligados ao tema em apreço: SOBRAL, Cristina – Um autor ignorado e a recepção da hagiografia no século XV. In *O GÉNERO do Texto Medieval*. Coord. Cristina Almeida Ribeiro; Margarida Madureira. Lisboa: Cosmos, 1997, p. 271-281; IDEM – O Orto do Esposo. In *HISTÓRIA da Literatura Portuguesa. I. Das Origens ao Cancioneiro Geral*. Lisboa: Alfa, 2001, p. 411-420; IDEM – Decifrando o Memorial de Paulo de Portalegre. In *DA DECIFRAÇÃO em Textos Medievais*. Coord. de Ana Paiva Morais [et al.]. Lisboa: Colibri, 2003, p. 163-178; IDEM – Os Lóios e os livros. *Românica*. 12 (2003) 167-187; IDEM – O «Flos Sanctorum» de 1513 e suas adições portuguesas. *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002) 531-568; IDEM – *Adições portuguesas no «Flos Sanctorum» de 1513 (edição e estudo)*. Lisboa: [s.n.], 2001. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Texto policopiado.

<sup>100</sup> CARVALHO, J. A. Freitas de – «Nobres letras... ferosos volumes...». *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV: os traços de união das reformas peninsulares*. Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, 1995; IDEM – Príncipes, armas e letras. In *NOS CONFINS da Idade Média*. Porto: Instituto Português de Museus, 1992, p. 69-73.

<sup>101</sup> Penso em particular no excelente vol. 1 da *HISTÓRIA do pensamento filosófico português*. Dir. Pedro Calafate. Lisboa: Caminho, 1999.

tradição de estudos <sup>102</sup>. Aqui de novo há uma influência a montante que é justo salientar, a redescoberta e divulgação de inúmeros textos por Mário Martins <sup>103</sup>. Do sector historiográfico, os estudos sobre a Baixa Idade Média têm iluminado a questão do papel das cortes principescas e das figuras femininas na produção e circulação destes textos. Destacaria aqui as investigações de António Resende de Oliveira e de José Carlos Miranda <sup>104</sup>, de Ivo Carneiro de Sousa sobre D. Leonor <sup>105</sup>, e investigações mais pequenas sobre livrarias, referências a livros em testamentos <sup>106</sup>. A revista *Via Spiritus*, bem como os investigadores a ela associados, no Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, noutros trabalhos, têm apresentado fontes e estudos de grande importância neste sector, importantes para a Idade Média

---

<sup>102</sup> Pela quantidade de trabalhos, remetemos para as listas bibliográficas dos trabalhos cit. nas notas 97 a 101.

<sup>103</sup> Sobre a obra e bibliografia do Autor, cf. ALVES PIRES – Martins (Mário Gonçalves). In *BIBLOS. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*. Dir. José Augusto Cardoso Bernardes [et al.]. Vol. 3. Lisboa: Verbo, 1999, col. 513-516; CAEIRO, Francisco da Gama – A Academia das Ciências de Lisboa e a historiografia da cultura medieval. In *DISPERSOS*. Org. Maria de Lourdes Sirgado Ganho. Vol. 3. Lisboa: IN-CM, 2000, p. 173-207.

<sup>104</sup> OLIVEIRA, António Resende – A cultura das cortes. In *NOVA História de Portugal*. Dir. J. Serrão; A. H. Oliveira Marques. Vol. 3: *Portugal em definição de fronteiras: do condado portugalense à crise do século XIV*. Coord. Maria Helena Coelho e Armando Luís Carvalho Homem. Lisboa: Ed. Presença, 1996, p. 660-691; IDEM – «Mais de pedras que de livros»: D. Afonso, 4º conde de Ourém, e a cultura nobiliarquia do seu tempo. In CONGRESSO HISTÓRICO, Ourém, 2003 – *D. Afonso, 4º Conde de Ourém, e sua época: actas*. Coord. Carlos Ascenso André. Ourém: Câmara Municipal de Ourém, 2004, p. 293-310; IDEM – A cultura da nobreza (séculos XII-XV): balanço sem perspectivas. *Medievalista on line*. 3 (2007). MIRANDA, José Carlos – A dimensão literária da cultura da nobreza em Portugal no séc. XIII. *Actas das IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, Revista da Faculdade de Letras-História*. 2.ª S. Vol. XV, t. 2 (1998) 1551-1566.

<sup>105</sup> Ver, por último, SOUSA, Ivo Carneiro de – *A rainha D. Leonor (1458-1525): poder, misericórdia e espiritualidade no Portugal do Renascimento*. Lisboa: FCG; FCT, 2002.

<sup>106</sup> Entre outros, e remetendo para a bibliografia que apresentam sobre o tema: NASCIMENTO, Aires do – As livrarias dos Príncipes de Avis. *Biblos*. 69 (1993) 265-287; FONTES, João Luís – *Percursos e memória*; CEPEDA, Maria Isabel Vilarés – Os livros da Rainha D. Leonor, segundo o códice 11352 da Biblioteca Nacional, Lisboa. *Revista da Biblioteca Nacional*. 2: 2 (1987) 51-81; BUESCU, Ana Isabel – *Imagens do Príncipe: discurso normativo e representação (1525-1549)*. Lisboa: Cosmos, 1996, p. 46 ss.; IDEM – A livraria régia no tempo de D. Manuel. In CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES D. MANUEL E A SUA ÉPOCA, 3 – *D. Manuel e a sua época*, vol. 4, p. 265-279. GOMES, Saul – Três bibliotecas particulares na Coimbra de Trezentos: em torno das elites e das culturas urbanas medievais. *Revista de História das Ideias*. 24 (2003) 9-49.

mesmo se o enfoque é predominantemente modernista <sup>107</sup>. Este âmbito de estudos tem paulatinamente vindo a especializar-se, ultrapassando em definitivo uma história literária entre o erudito e o descontextualizado, demasiado presa à concepção de muitas destas obras como «literatura» (aqui tem de ser realçado o trabalho de interrogação sistemática do estatuto dos textos feito por Aires do Nascimento <sup>108</sup>), e aos seus autores como «grandes figuras da cultura portuguesa». Por outro lado, dispõe de bons instrumentos de trabalho, como sejam o *Dicionário de literatura medieval galega e portuguesa* <sup>109</sup>, a *Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa* <sup>110</sup>, e a base de dados electrónica, disponível em linha, BITAGAP <sup>111</sup>. É no entanto de sublinhar que continuam quase ausentes muitos tópicos de investigação que têm alcançado grande desenvolvimento em França, Inglaterra e mesmo Espanha, como sejam (cito só os mais importantes) a «literacia religiosa» <sup>112</sup>; os usos devocionais dos livros e da leitura <sup>113</sup>; o impacto da imprensa na

---

<sup>107</sup> As publicações e projectos do Centro podem ver-se em <http://homepage.esoterica.pt/~ciuhe/index1.htm> (consultado em 20-04-07).

<sup>108</sup> Cf. as obras cit. na nt. 97.

<sup>109</sup> *DICIONÁRIO de literatura medieval galega e portuguesa*. Org. e coord. G. Lanciani e G. Tavani. Lisboa: Caminho, 1993.

<sup>110</sup> CEPEDA, Isabel V. – *Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

<sup>111</sup> <http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon/portuguese.html> (consultado em 20-04-07); sobre este site, ver DIAS, Aida F. – *Uma bibliografia medieval em suporte electrónico*. [http://www.geocities.com/ail\\_br/umabibliografiamedieval.htm](http://www.geocities.com/ail_br/umabibliografiamedieval.htm) (consultado em 20-04-07).

<sup>112</sup> Procurando dar uma imagem para diferentes áreas: James W. Thompson – *The literacy of the laity in the Middle Ages*. New York: Burt Franklin, 1960; M. B. Parkes – *The literacy of the laity*. In *LITERATURE and Western Civilisation*. Coord. David Daiches; Anthony Thorlby. London: Aldus Books, 1973, vol. 3, p. 555-577; HILLGARTH, J. N. – *Readers and books in Majorca, 1229-1500*. Paris: CNRS, 1991, 2 vols.; LAWRENCE, J. N. H. – *The spread of lay literacy in late medieval Castille*. *Bulletin of Hispanic Studies*. 62 (1985) 79-93; HASENOHR, Geneviève – *Religious readings among the laity in France in the fifteenth century*. *HERESY and literacy, 1000-1530*. Ed. Peter Biller; Anne Hudson. Cambridge: CUP, 1994, p. 205-221; *Pratiques de la culture écrite en France au XV<sup>e</sup>. siècle*. Ed. M. Ornato; N. Pons. Turnhout: Brepols, 1995; CHRISMAN, Miriam U. – *Lay culture, learned culture: books and social change in Stasbourg, 1480- 1599*. N. Have: Yale UP, 1982; DUFFY, Eamon – *The stripping of the altars*, p. 68 ss.

<sup>113</sup> Por exemplo, HUTCHISON, Ann – *Devotional reading in the monastery and in the late medieval household*. In «*DE CELLA in speculum*»: *religious and secular life and devotion in late medieval England*. Ed. Michael G. Sargent. Cambridge: D. S. Brewer, 1989, p. 215-227; VAUCHEZ, André – *La bible dans les confrères et les mouvements de dévotion*. *Le Moyen âge et la Bible*. Dir. Pierre Riché; G. Lobrichon. Paris: Beauchesne: 1984, p. 581-595; SANGER, Paul – *Books of hours and the reading habits of the later*

difusão da mensagem religiosa e edificante <sup>114</sup>; a relação das mulheres com os livros <sup>115</sup>; a produção e circulação de modelos de comportamento para os diferentes «estados» do mundo laical, pelos eclesiásticos, através da leitura <sup>116</sup>. Falta mesmo algo como reunir num só estudo (seria um tema ideal, porque não, para uma tese de doutoramento), todas as existências de, ou menções a, livros/textos de carácter religioso/ moralístico produzidos, possuídos, patrocinados ou simplesmente mencionados por leigos – o que é certamente possível pelo menos para a Baixa Idade Média. A comparação com os restantes espaços europeus seria também desejável e relativamente exequível, dada a quantidade de estudos que existem sobre o tema. Um campo de extremo interesse parece-me ser o da poesia de corte de fundo religioso/ /moralístico/ edificante, a aproximar de outros dados sobre a vivência da religião nas cortes, tidas como lugar de perigo para a alma, mas de necessária existência para o funcionamento das sociedades <sup>117</sup>. Há aqui um filão

---

Middle Ages. *Scrittura e Civiltà*. 8 (1985) 239-269; HASENOHR, Geneviève – Aperçu sur la diffusion et la reception de la littérature de spiritualité en langue française au dernier siècle du moyen Âge. *WISSENSORGANISIERENDE und wissensvermittelnde Literatur im Mittelalter: Perspektiven ihrer Erforschung*. Ed. Nobert Richar Wolf. Wiesbaden: Dr. Ludwig R. Verlag, 1987, 57-90; WOODS, Marjorie C. – Shared books: primers, psalters and the adult acquisition of literacy among the devout laywomen and women in orders in late medieval England. In *NEW TRENDS in feminine spirituality: the Holy Women of Liège and their impact*. Ed. Juliette Dor [et al.]. Turnhout: Brepols, 1991, p. 177-193.

<sup>114</sup> As obras cit. nas notas anteriores abordam, em geral, este tema; cf. ainda, por exemplo, DRIVER, Martha W. – Pictures in print: late fifteenth and early-sixteenth century English religious books for lay readers. In «*DE CELLA in speculo*», p. 229-244; e a excelente obra colectiva *LA REFORME et le livre: l'Europe de l'imprimé (1517- v. 1570)*. Dir. Jean-Fr. Gilmont. Paris: Cerf, 1990.

<sup>115</sup> A bibliografia é imensa, e em constante renovação. Remetemos por isso para sites especializados, tais como: <http://www.earlham.edu/library/content/outreach/acrlwss/wsstheo.html> (consultado em 20-04-07); <http://www.uh.edu/engines/medievalwomen/wmareli.htm> (consultado em 20-04-07); <http://www.haverford.edu/library/reference/mschaus/mfi/mfi.html> (consultado em 20-04-07).

<sup>116</sup> Por exemplo, CAREY, Hilary M. – Devout literate laypeople and the pursuit of the mixed life in later medieval England. *Journal of Religious History*. 14 (1987) 361-381; PANTIN, N. A. – Instructions for a devout and literate layman. In *MEDIEVAL learning and literature: essays presented to Richard William Hunt*. Ed. J. J. G. Alexander; M.T. Gibson. Oxford: Clarendon Press, 1976, p. 398-422; HUGHES, Jonathan – *Pastors and visionaries: religion and secular life in late medieval Yorkshire*. Woodbridge: The Boydell Press, 1988. Há que referir, entre nós, ainda que aborde o tema a partir dos «manuais de confessor» e não propriamente «livros de estado», ANTUNES, José – A nobreza no «discurso medieval da confissão» (séc. XIII a XIV). *Revista de História das Ideias*. 19 (1997) 157-175.

<sup>117</sup> Desde as composições dos Príncipes de Avis (incl. o Condestável D. Pedro), até

que vem da possível influência da teorização inglesa sobre o tema, feita por agostinhos e cartuxos que viviam na órbita das grandes casas nobres de Inglaterra, através de Dona Filipa de Lencastre e sua *entourage*<sup>118</sup>. Não se defende que às «fugas ao mundo» algo numerosas das cortes de D. Duarte e Dom Pedro presidam formas de «loldardismo» (cuja difusão através dos

---

às compilações de corte, como a de Garcia de Resende, passando pelas «anedotas», há um campo a explorar. Já existem alguns trabalhos neste sentido, como sejam os de DIAS, Aida Fernandes Dias – *Coplas del Menosprecio e contempto de las cosas fêrmosas del mundo*. Coimbra: Livr. Almedina, 1976; IDEM – *O Cancioneiro Geral e a poesia peninsular de Quatrocentos: contactos e sobrevivências*. Coimbra: Almedina, 1978; IDEM – A temática; FONSECA, L. Adão – *O condestável D. Pedro de Portugal*. Porto: INIC, 1982, p. 298 ss.; IDEM – A morte como tema de propaganda política; MIRANDA, José Carlos – *O poeta e o príncipe: ensaio sobre as trovas de Diogo Brandão à morte de D. João II*. Porto: [s.n.], 1985. Provas de Aptidão Pedagógica e capacidade Científica apresentadas à Universidade do Porto. Texto dactilografado; IDEM – O tema da morte e a tradição literária do Pranto no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. In *CONGRESSO Internacional Bartolomeu Dias*, vol. 4, p. 77-93; sobre as «anedotas», ou «ditos», neste tópico, encontra-se uma pequena mas interessante abordagem em SILVA, Mário J. – *O rei e os nobres: imagens do quotidiano nos «Ditos portugueses dignos de memória» (século XVI)*. Cascais: Patrimonia: 2004, p. 179 ss. Sobre o tema da corte/ alma, cf. ROSA, Maria de Lurdes – Entre a corte e o ermo: reformismo e radicalismos religiosos (fins do século XIV- século XV). In *HISTÓRIA Religiosa de Portugal*, vol. 1, p. 492-505; IDEM – Velhos, novos e mutáveis sagrados.

<sup>118</sup> Este aspecto foi estudado a fundo por HUGHES – *Pastors and visionaries*, p. 66-67 e 283, que aborda também a ligação à corte portuguesa através de D. Filipa de Lencastre (cujo avô materno, Henrique de Lencastre, foi um activo protector das ordens religiosas referidas, e escreveu o *Livre des seintz médecines*, meditação /oração para o «leigo devoto», seguindo o esquema devocional das «sete chagas»); LABARGE, Margaret Wade – Henry of Lancaster and Le Livre de Seyntz Medicines. *Florilegium: Carleton University Papers on Late Antiquity & the Middle Ages*. 2 (1980) 183-191; João de Gand, pai de Filipa, protegeu também as mesmas ordens e o eremitismo em geral, podendo nisto terem existido relações extensivas à P. Ibérica, nomeadamente na protecção aos Jerónimos e aos Cartuxos (HUGHES – *Pastors and visionaries*, p. 352-353). Sobre as relações culturais da corte de Avis com Inglaterra e com o círculo de cultura cortesão dos Lencastres, em torno de um outro texto que se pode englobar nas «obras de intenção didáctica, moralizante e de reflexão sobre as funções dos governantes», a *Confessio Amantis*, cf. BUESCU, Ana Isabel – *Imagens do Príncipe*, p. 51, depois parcialmente desenvolvido em *A Confessio Amantis* de John Gower na livraria do rei D. Duarte. In *CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANGLO-PORTUGUESES*, 1, Lisboa, 6-8 de Maio de 2001 – *Actas* (disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/congressocean/ana-i-buescu.doc>, consultado em 20-04-2007). John Gower, de resto, foi também autor de obras de carácter mais devocional, como seja o *Mirour de l'Omme*, cf. JOKINEN, Annina – John Gower. *Luminarium*. <http://www.luminarium.org/medlit/gowerbio.htm> (consultado em 20-04-2007).

textos foi notável); aliás as teorizações antes referidas não têm necessariamente a ver com este grupo, embora respondam a problemáticas com ele partilhadas; mas pensamos ser provável que circularassem textos e se promovessem reuniões onde as atitudes religiosas se forjavam e educavam com base em escritos de cultura religiosa complexos, entre os quais avultariam os que interrogavam o papel dos leigos na Igreja e, seguramente, na reforma desta <sup>119</sup>. Os «sete tratados cartusianos» dos *Alc. 199* e *Alc. 214* facilmente se inserem neste conjunto <sup>120</sup>; era cartuxo Ludolfo da Saxónia, autor da celeberrima e entre nós tão prezada *Vita Chisti*, cujo manuscrito de Alcobaça andou entre o mosteiro e a corte, e que poderá ter chegado ao primeiro no âmbito da ligação entre D. Fr. Estêvão de Aguiar e a Duquesa Isabel de Borgonha, protectora e devota dos Cartuxos; de resto, bem sabemos como a livraria alcobacense serviu (e foi servida pelos) interesses religioso-culturais da Corte de Avis <sup>121</sup>.

A história da morte na Idade Média é talvez um dos campos de estudos onde a presença dos leigos mais se tem feito sentir – em boa parte porque a fonte principal de muitos dos trabalhos, o testamento, rapidamente se tornou um instrumento indispensável para disposição das fortunas pelo laicado, em especial pelas elites, que à hora da morte sentiam necessidade de, dentro dos limites legais, utilizar a parte disponível do seu património

---

<sup>119</sup> Sobre a relação entre os ensinamentos eclesiásticos e as ansiedades religioso-culturais dos leigos, no contexto inglês, podem ver-se, por exemplo, SARGENT, M. G. – The transmission by the English carthusians of some late medieval spiritual writings. *Journal of Ecclesiastical History*. 27 (1976) 225-240; HUGHES – *Pastors and visionaries*, p. 251 ss.; HORSFIELD, Robert A. – The «Pomander of prayer»: aspects of late medieval English carthusian spirituality and its lay audience. In «*De cella in speculum*», p. 205-213; *MYSTICISM and spirituality in medieval England*. Eds. William Polard; Robert Boening. Woodbridge: D. S. Brewer, 1997. Quanto às «fugas ao mundo» nas cortes eduardina e de D. Pedro, temos em preparação um estudo sobre o tema; cf. essa primeira abordagem em *A religião no século*, pp. 492 ss. Seria deveras interessante desenhar biografias de alguns destes personagens de «religiosidade radical», que se estendem num espectro largo, do «micro» (Gonçalo da Silveira, frei João de Ataíde, Vasco Queimado de Vilalobos, etc) ao «macro» (Princesa Santa Joana, Amadeu da Silva de Meneses, etc.).

<sup>120</sup> Editados por SILVA, Elsa Maria Branco da – *Castelo Perigoso*. Lisboa: Colibri, 2001 (com pequena contextualização quanto ao alcance social da espiritualidade subjacente e aos ambientes de introdução e difusão da obra em Portugal (p. 40 ss)).

<sup>121</sup> Sobre a *Vita Christi* e a ligação entre as cortes de Avis e Alcobaça, cf. a inovadora proposta de NASCIMENTO, Aires A. – A tradução portuguesa da *Vita Christi*, da qual discorda a mais recente estudiosa do texto, SILVA, Elsa Maria Branco da – *A fortuna da “Vita Christi” no medievo em Portugal: pensar a espiritualidade à luz da tradução*. Coimbra: Alma Azul, 2006, p. 605-609.

para planear o futuro da linhagem e/ ou a sufragação da alma <sup>122</sup>. Se bem que haja estudos baseados na testamentaria clerical, em exclusivo (opções tomadas face a sentidos globais de inquerito mais vastos sobre os eclesiásticos) <sup>123</sup>, há também pesquisas de incidência regional em que se analisam em conjunto testamentos e/ ou instituições de capelas de clérigos e leigos (Estremadura <sup>124</sup>, Óbidos <sup>125</sup>, Lisboa <sup>126</sup>, Évora e Alto Alentejo <sup>127</sup>,

---

<sup>122</sup> Sobre o tema da morte, a bibliografia é imensa; remetemos por isso para alguns sites de referência, consultados em 20-04-2007, como sejam <http://sid.ish-lyon.cnrs.fr/shmesp/> (SHMESP); [http://www.leeds.ac.uk/ims/med\\_online/medresource.html](http://www.leeds.ac.uk/ims/med_online/medresource.html) (Institute for Medieval Studies, Leeds); [www.fcsh.unl.pt/iem/biblio-rosa-iem.htm](http://www.fcsh.unl.pt/iem/biblio-rosa-iem.htm) (de Maria de Lurdes Rosa/ IEM, incluindo a bibliografia portuguesa); para além dos sites standard de pesquisa em História medieval (lista dos principais disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/iem/links-iem.htm>).

<sup>123</sup> Referimo-nos ao trabalho da equipa dirigida por Ana Maria Rodrigues a partir da documentação do cabido da Sé de Braga, cf. RODRIGUES, Ana Maria – O poder económico, social e político do cabido da Sé de Braga nos finais da Idade Média (séculos XIII-XIV). Um projecto de investigação. *Lusitania Sacra*. 10 (1998) 335-345, de que resultaram já várias teses e publicações, das quais cito as especificamente dedicadas ao tema: CARVALHO, Elsa Maria – *A morte do alto clero bracarense (séculos XII a XV)*. Braga: [s.n.], 1999. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho. Texto policopiado [cf. o artigo da A. – A fortuna ao serviço da salvação da alma, da família e da memória, através dos testamentos dos arcebispos e dignitários de Braga na Idade Média (séculos XII-XV). *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002), p. 15-40)]; SOARES, Alexandra Margarida – *Os aniversários na Sé de Braga nos séculos XIV e XV*. Braga: [s.n.], 2000. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho. Texto policopiado; GONÇALVES, Isabel Cristina – *As capelas na sé de Braga na baixa Idade Média*. Braga: [s.n.], 2001. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho. Texto policopiado.

<sup>124</sup> VILAR, Hermínia V. – *A vivência da morte no Portugal medieval: a Estremadura portuguesa (1300-1500)*. Redondo: Patrimonia, 1995.

<sup>125</sup> SILVA, Manuela Santos – Contribuição para o estudo das oligarquias urbanas medievais: a instituição de capelas funerárias em Óbidos na Baixa Idade Média. In JORNADAS INTER E PLURIDISCIPLINARES, Lisboa, 1993 – *A cidade*, vol. 2, p. 115-127.

<sup>126</sup> CALVÃO, Filipe; COSTA, Teresa – Fundação de capelas na Lisboa quatrocentista: da morte à vida eterna. *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002) 337-368.

<sup>127</sup> BEIRANTE, Maria Ângela – Capelas de Évora. In *A Cidade de Évora*. 65-66 (1982-1983) 21-50; IDEM – As «heranças das almas» na diocese de Évora no início do século XVI. In CONGRESSO DE HISTÓRIA NO IV CENTENÁRIO DO SEMINÁRIO DE ÉVORA, Évora, 1993 – *Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora: actas*. Vol. 1. Évora: Instituto Superior de Teologia; Seminário Maior de Évora, 1994, p. 105-117; veja-se também, da mesma A., a obra introdutória ao tema, pioneira à data da sua publicação: Para a história da morte em Portugal (séc. XII-XIV). In *ESTUDOS de História de Portugal: homenagem a A. H. de Oliveira Marques*. Vol. 1: sécs. X-XV. Lisboa: Estampa, 1982, p. 359-383.

Porto <sup>128</sup>, Braga <sup>129</sup>, Lamego <sup>130</sup>), trabalhos de focalização preferencialmente temática (rituais, imaginário, espaço da morte <sup>131</sup>) e há um número importante de estudos sobre personagens leigas isoladas, onde se trata o tema, total ou parcialmente <sup>132</sup>. Abordando as atitudes perante a morte dos leigos *de per si*, em conjuntos mais vastos, conhecemos dois estudos: o relativo à

---

<sup>128</sup> SOUSA, Ivo Carneiro de Sousa – Legados pios do convento de S. Francisco do Porto: as fundações de missas nos séculos XV e XVI. *Boletim do Arquivo Distrital do Porto*. 1 (1982) 59-119; SANTOS, Albertina – *Capelas e aniversários do mosteiro de S. Domingos do Porto no século XV*. Porto: [s.n.], 1995. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Porto. Texto policopiado.

<sup>129</sup> RODRIGUES, Ana Maria – A morte e a comemoração dos defuntos na Sé de Braga nos finais da Idade Média. *Cadernos do Noroeste*. 20: 1-2. *Série História*. 3 (2003) 183-218.

<sup>130</sup> GOMES, Saúl – A memória dos fiéis defuntos no obituário da Sé de Lamego. *Biblos*. 72 (1996) 149-174.

<sup>131</sup> VILAR, Hermínia V. – Rituais da morte em testamentos dos séculos XIV e XV. In *O REINO dos mortos na Idade Média peninsular*: Dir. José Mattoso. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1995, p. 165-176; SILVA, Maria João Marques da; VILAR, Hermínia – Morrer e testar na Idade Média. *Lusitania Sacra*. 4 (1992) 39-59; PINA, Isabel Castro – Ritos e imaginário da morte em testamentos dos séculos XIV e XV. In *O REINO dos mortos*, p. 125-164.

<sup>132</sup> CONDE, Manuel Sílvio – Uma estratégia de passagem para o Além: o testamento de Beatriz Fernandes Calça Perra (Tomar, 1462). In *JORNADAS DE HISTÓRIA MODERNA*, 1, Lisboa, 1986 – *Actas*. Lisboa: [s.n.], 1989, p. 917-937; COSTA, Mário Alberto Nunes – *Vasco Esteves de Gatzuz e o seu túmulo trecentista em Estremoz*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1993; ROSA, Maria de Lurdes – *Pero Afonso Mealha: os bens e a gestão de riqueza de um proprietário leigo do século XIV*. Redondo: Patrimonia, 1995; GREGÓRIO, Rute Dias – Configurações do patrocínio religioso de um ilustre açoriano do século XVI, o 1º Provedor das Armadas, Pero Anes do Canto. *Arquipélago. História*. 3 (1999) 29-44; SILVA, José Custódio V. da Silva – Mudejarismo no tardo-gótico português: a capela tumular de Garcia de Resende. In *CONGRESSO INTERNACIONAL BARTOLOMEU DIAS E A SUA ÉPOCA – Congresso Internacional Bartolomeu Dias*, vol. 4, p. 259-263; MARTINS, Fernando – *A Colegiada de Santa Cruz do Castelo e a capela de D. Isabel de Sousa*. Porto: [s.n.], 1996. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Porto. Texto policopiado; MARTINS, Mário – Da Esperança a São Vicente: um percurso em torno de Estêvão da Guarda. *Cadernos do Arquivo Municipal*. 3 (1999) 10-60; LOURENÇO, Vanda – Lopo Fernandes Pacheco: um valido de D. Afonso IV. *Medievalista on line*. 2: 2 (2006) (<http://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/medievalista-lopo.htm>); GOMES, Saul António – Uma dama na Leiria medieval: Beatriz Dias, «manceba del-rei» D. Pedro I. In *ECONOMIA, sociedade e poderes. Estudos em homenagem a Salvador dias Arnaut*. Coord. Leontina Ventura. Coimbra: Editora Ausência, 2004, p. 301-329; ROSA, M.<sup>a</sup> de Lurdes – Em torno de Álvaro Vaz, cavaleiro de Santiago (m. 1513): um estudo das formas de estruturação das elites sociais “intermédias”. In *AS ORDENS militares e as ordens de cavalaria entre o Ocidente e o Oriente*. *Actas do V Encontro sobre Ordens Militares*, 187-245. Palmela: GEOS-Município de Palmela, 2009.

testamentária da nobreza duocentista, de Leontina Ventura <sup>133</sup>; e a análise que fizemos, na nossa dissertação de doutoramento, da prática de fundação de capelas no seio do laicado lisboeta tardo-medieval <sup>134</sup>. Recorrendo por vezes à fonte testamentária, mas baseando-se sobretudo nos vestígios arqueológicos, destacaríamos as importantes páginas de Mário Barroca sobre «epigrafia e morte» <sup>135</sup> e o seu estudo sobre representações fúnebres na escultura funerária <sup>136</sup>, e o estudo de Carla Varela Fernandes sobre a tumulária na Sé de Lisboa <sup>137</sup>. Aguarda-se com o maior interesse os resultados do projecto *Imago*, dirigido por José Custódio Vieira da Silva e Maria Adelaide Miranda, o qual, na esteira de outros trabalhos do primeiro, tem uma vertente dedicada à escultura tumular medieval portuguesa <sup>138</sup>.

Se bem que o conjunto dos trabalhos permita já caracterizar atitudes leigas perante a morte – que têm, obviamente, semelhanças mas também diferenças com as clericais –, pensamos que há agora dois passos fundamentais a dar. Por um lado, um olhar «para além do testamento»; por outro, inserir as «atitudes perante a morte» no conjunto da religiosidade dos leigos. Em relação ao primeiro aspecto, bastaria referir, com Clive Burgess, um dos pioneiros da renovação historiográfica sobre o tema, que isto passa por uma etapa heurística prévia – tanto o uso de outras fontes que não o testamento, como a consideração do testamento de outro modo <sup>139</sup>. E isto a um

<sup>133</sup> Testamentária nobiliárquica (séc. XIII). Morte e sobrevivência da linhagem. *Revista de História das Ideias*. 19 (1997) 137-156.

<sup>134</sup> «As almas herdeiras».

<sup>135</sup> BARROCA, Mário – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. Vol. 1: Lisboa: FCG; FCT, 2000, p. 263-329.

<sup>136</sup> BARROCA, Mário – Cenas de passamento e de lamentação na escultura funerária medieval portuguesa (séc. XIII a XV). *Revista da Faculdade de Letras. História*. 14 (1997) 657-686.

<sup>137</sup> FERNANDES, Carla V. – *Memórias de pedra: escultura tumular medieval da Sé de Lisboa*. Lisboa: IPPAR, 2001.

<sup>138</sup> O projecto está albergado no Instituto de Estudos Medievais (FCSH/UNL), no site do qual se pode consultar informação a ele relativa (<http://www.fesh.unl.pt/iem/investigacao-proj-iem.htm#imago>, consultado em 20-04-07).

<sup>139</sup> No conjunto dos seus trabalhos, logo desde a tese de doutoramento, de 1981, BURGESS, Clive – *Chantries in fifteenth century Bristol*. Oxford: [s.n.], 1981. Dissertação de PhD. Texto policopiado, abordado de forma mais sistemática em: «By quick and by dead: wills and pious provisions in late medieval Bristol. *The English Historical Review*. 405 (Out. 1987) 837-858; IDEM – Late medieval wills and pious convention: testamentary evidence reconsidered. In *PROFIT, piety and the profession in later medieval England*. Ed. M. Hicks. Gloucester: A. Sutton, 1990, p. 14-33; IDEM – Strategies for eternity: perpetual chantry foundation in late medieval Bristol. In *RELIGIOUS belief and ecclesiastical careers in late medieval England*. Ed. C. Harper-Bill. Woodbridge: The Boydell Press, 1991, p. 1-32.

nível não só mais imediato – por exemplo, como resultado final de um processo de negociação com a família e as autoridades eclesiásticas ou como parte apenas de um conjunto de acções relativas à morte e aos sufrágios; como mais global –, e este é um ponto crucial, não como manifestação de individualismo (o que também é fruto de herança de ideias não historiográficas, nunca muito criticadas pelo historiador), mas como forma de guiar, orientar, a inserção da alma do testador num sistema de sufrágio e de comemoração colectiva que, se não era a indiferenciada memória monástica da Alta Idade Média, não vivia sem a comunidade – porque isto não era, sequer, pensável, num sistema alimentado pela circulação da *caritas* e dos “méritos”, e interligava a vida e a morte –, aqui, especialmente, pois a salvação eterna no sistema dos sufrágios, dependia da oração dos vivos <sup>140</sup>.

Quanto à inserção da «morte» no conjunto da vida religiosa dos leigos, há igualmente todo um caminho a percorrer – mas sem uma coisa não se entende a outra, de forma total... <sup>141</sup>. Os testamentos são normalmente uma boa porta de entrada, uma vez que com frequência referem objectos religiosos, e que quase sempre podemos deles obter informações sobre a cultura religiosa dos testadores, sobre ligações a esta ou aquela estrutura eclesiástica. Mas há muita outra documentação por explorar, desde as súplicas a Roma à documentação confraternal e hospitalar, passando pela produzida pelas instituições eclesiásticas, que indiciam patronatos e preferências.

---

<sup>140</sup> IDEM – «For the increase of divine service»: chantries in the parish in late medieval Bristol. *Journal of Ecclesiastical History*. 36: 1 (Jan. 1985) 46-65; A service for the dead: the form and function of the anniversary in late medieval Bristol. *Transactions of the Bristol and Gloucestershire Archaeological Society*. 105 (1987) 105-211; IDEM – «A fond thing vainly invented»: an essay on Purgatory and pious motive in late medieval England. *Parish, church and people: local studies in lay religion, 1350-1750*. Ed. S. J. Wright. Londres: Hutchinson, 1988, p. 56-84; IDEM – The benefactions of mortality: the lay response in the late medieval urban parish. In *STUDIES in clergy and ministry in England*. Ed. David Michael Smith. York: Borthwick Institute of Historical Research, 1991, p. 65-86; IDEM – Shaping the parish: St. Mary at Hill, London, in the fifteenth century. In *THE CLOISTER and the world: essays in medieval history in honour of Barbara Harvey*. Ed. John Blair e Brian Golding. Oxford: Clarendon Press, 1996, p. 246-286; IDEM – «Longing to be prayed for»: death and commemoration in an English parish in the later Middle Ages. In *THE PLACE of the dead: death and remembrance in late medieval and early modern Europe*. Ed. Bruce Gordon; P. Marshall. Cambridge: CUP, 1999, p. 44-65.

<sup>141</sup> Tentámo-lo na nossa diss. de doutoramento, por convicção expressa da importância do relacionamento dos dois campos (cf. «*As almas herdeiras*», p. 6-7, p. 300-400). cf. também a síntese em ROSA, M.<sup>a</sup> de Lurdes – *A morte e o além, História da Vida Privada*, vol. I (no prelo).

Chegamos assim à questão da vivência devocional dos leigos – que foi, sem dúvida, um dos mais florescentes e fascinantes campos de estudo das últimas décadas, nas historiografias europeias congêneres – seja globalmente <sup>142</sup>, por grupos sociais <sup>143</sup> ou por personagens individuais <sup>144</sup>.

<sup>142</sup> Cf. as obras cit. nt. 61.

<sup>143</sup> BOVE, Boris – Espace, piété et parenté à Paris aux XIIIe. et XIVE. siècles d'après les fondations d'anniversaires des familles échevinales. In *RELIGION et société urbaine au Moyen-âge: Études offertes à Jean-Louis Biget par ses anciens élèves*. Ed. J. Chiffolleau; P. Boucheron. Paris: Publ. de la Sorbonne, 2000, p. 253-281; CARPENTER, Christine – The religion of the gentry of fifteenth-century England. In *ENGLAND in the fifteenth century*. Ed. Daniel Williams. Woodbridge: The Boydell Press, 1987, p. 53-74; CATTO, Jeremy – Religion and the English nobility in the latter fourteenth century. In *HISTORY and imagination: essays in honor of H. R. Trevor-Roper*. Ed. H. Lloyd-Jones [et al.]. New York: Holmes & Meier Publ. Inc., 1981, p. 43-55; CONTAMINE, Philippe – La piété quotidienne dans la haute noblesse à la fin du Moyen-âge: l'exemple de Charles d'Orléans (1463-1465). In *HORIZONS marins, itinéraires spirituels (Ve.-XVIIIe. siècles)*. Dir. Henri Dubois [et al.]. Vol. 2. Paris: Publ. de la Sorbonne, 1987, p. 35-42; CRAWFORD, Anne – The piety of late medieval English queens. In *THE CHURCH in pre-Reformation England: essays in honor of F. R. H. Du Boulay*. Ed. Caroline Barron; Ch. Harper-Bill. Woodbridge: The Boydell Press, 1985, p. 48-57; IDEM – The piety of Margaret, Lady Hungerford (d. 1478). *Journal of Ecclesiastical History*. 38: 1 (Jan. 1987) 19-38; FLEMING, P. W. – Charity, faith and the gentry of Kent, 1422-1529. In *PROPERTY and politics: essays on the later medieval English History*. Dir. A. J. Pollard. Gloucester: Alan Sutton, 1984, p. 36-58; HAMON, Philippe – Entre salut et statut: la situation sociale des grands officiers de finance au miroir de leur comportement religieux (fin du XVe. et première moitié du XVIe. siècle). In *RELIGION et société urbaine*, p. 445-461; HUGHES – *Pastors and visionaries*; RICHMOND, Colin – The english gentry and religion, c. 1500. In *RELIGIOUS belief and ecclesiastical careers in late medieval England*. Ed. Christopher Harper-Bill. Woodbridge: The Boydell Press, 1991, p. 121-150; ROSENTHAL, Joel – *The purchase of Paradise: gift giving among the aristocracy, 1307-1485*. Londres; Toronto: Routledge and Kegan Paul; University of Toronto Press, 1972; SÁNCHEZ SAUS, Rafael – Aspectos de la religiosidad urbana bajomedieval: las fundaciones funerarias de la aristocracia sevillana. In *Actas del VI Coloquio Internacional de Historia Medieval de Andalucía – las ciudades andaluzas (siglos XIII-XVI)*. Ed. José E. López de Coca Castañer; Angel Galán Sánchez. Málaga: Universidad, 1991, p. 299-311; SAUL, Nigel – The religious sympathies of the gentry in Gloucestershire, 1200-1500. In *BRISTOL and Gloucestershire Archaeological Society Transactions*. 28 (1980), p. 99-112; VALE, Malcolm – Piety, charity and literacy among the Yorkshire gentry, 1370-1480. *Borthwick Papers*. York. 50 (1976).

<sup>144</sup> ARMSTRONG, C. A. J. – The piety of Cecily, duchess of York: a study in late medieval culture. In IDEM – *England, France and Burgundy in the Fifteenth Century*. Londres: The Hambledon Press, 1988, p. 135-156; HICKS, Michael – The piety of Margaret, Lady Hungerford (d. 1478). *Journal of Ecclesiastical History*. 38: 1 (Jan. 1987) 19-38; ROSENTHAL, Jöel – Richard, duke of York: a fifteenth-century layman and the church. *Catholic Historical Review*. 50: 2 (1964) 171-187; UNDERWOOD, Malcolm G. – Politics and piety in the Household of Lady Margaret Beaufort. *Journal of Ecclesiastical History*.

Sobre este assunto, o que existe na nossa historiografia é, mais uma vez, um conjunto já significativo de abordagens dispersas e parcelares, as mais das vezes em torno da «morte», onde porém se podem encontrar dados interessantes sobre a vivência devocional – a aguardar sínteses e a não dispensar estudos específicos<sup>145</sup>. Assim, mencionaremos os estudos sobre as vivências individuais, que irão da princesa Vataça a D. Leonor, do Infante D. Fernando de Serpa (1218-1246) a D. Jaime de Bragança, passando por todo um conjunto de personagens de vários estatutos<sup>146</sup>; santidades leigas<sup>147</sup>;

---

38 (1987) 39-52; ORMROD, W. M. – The personal religion of Edward III. *Speculum*. 64: 4. (1989) 849-877; ISABELLE DU Portugal, duchesse de Bourgogne (1397-1471): catalogue de l'Exposition. Bruxelles: Ed. Bibliothèque Royale Albert Ier., 1991.

<sup>145</sup> Uma síntese, incidindo de resto mais sobre a “espiritualidade”, tem já alguns anos: MATTOSO, José – Portugal. A. de l'évangélisation au 15<sup>e</sup>. siècle. In *DICTIONNAIRE de Spiritualité, ascétique et mystique*. 2<sup>e</sup> ed. Vol. 12, deuxième partie. Paris: Beauchesne, 1986, cols. 1952-1957.

<sup>146</sup> COELHO, Maria Helena; VENTURA, Leonina – Vataça: uma dona na vida e na morte. In JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL, 2, Porto, 1987 – *Actas*. Vol. 1. Porto: INIC, 1987, p. 159-193; SOUSA, Ivo Carneiro de – *A rainha D. Leonor (1458-1525): poder, misericórdia e espiritualidade no Portugal do Renascimento*. Lisboa: FCG; FCT, 2002; PEREIRA, Armando – O Infante D. Fernando de Portugal, senhor de Serpa (1218-1246): história da vida e da morte de um cavaleiro andante. *Lusitania Sacra*. 10 (1998) 95-121; ROSA, Maria de Lurdes – D. Jaime, duque de Bragança: entre a cortina e a vidraça. In *O TEMPO de Vasco da Gama*, p. 319-332; FONTES – *Percursos e memória*; ROSA, Maria de Lurdes – A fundação do mosteiro da Conceição de Beja pela Duquesa D. Beatriz. In *O TEMPO de Vasco da Gama*, p. 265-270; IDEM – Além da aventura, aquém do capitalismo?: elementos para a história de Fernão Lourenço (1481-1505), um “perito económico” na Expansão portuguesa, *Lisboa Medieval. Os rostos da cidade*, p. 335-367; IDEM – Em torno de Álvaro Vaz; SOMMÉ, Monique – *Isabelle de Portugal, duchesse de Bourgogne: une femme au pouvoir au XV<sup>e</sup>. Siècle*. Vileneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1998; CARVALHO, J. Vaz de – A espiritualidade do Santo Condestável. *Brotéria*. 70 (1960) 628-649; IDEM – A espiritualidade do Infante D. Henrique. *Brotéria*. 71 (1960) 129-154; DINIS, A. Dias – O testamento do infante D. Henrique num livro de uso de Frei Antão Gonçalves de 1461. In *ESTUDOS Henriquinos*. Vol. 1. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1960, p. 109-212; FONSECA, Luís A. da – O Condestável D. Pedro, p. 293-309; MACEDO, Francisco Pato de – O Infante D. Pedro, patrono e mecenaz. *Biblos*. 69 (1993) 459-489; DIONÍSIO, João – *D. Duarte, leitor de Cassiano*; cf. ainda obras citadas na nota 108. Cf. ainda a síntese de H. Baquero Moreno sobre a religiosidade feminina (MORENO, H. B. – Mulher e religião em Portugal nos finais da Idade Média. In CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA SOBRE MISSIONAÇÃO PORTUGUESA E ENCONTRO DE CULTURAS – *Missionação portuguesa e encontro de culturas: actas*, vol. 1, p. 269-278.

<sup>147</sup> A santidade guerreira foi abordada por Armando Pereira e M.<sup>a</sup> de Lurdes Rosa (cf. nota 50); o Infante D. Fernando por João Luís Fontes (cf. nota 51); uma perspectiva diacrónica

os dados sobre objectos devocionais, em geral vindos da História de Arte <sup>148</sup>; os livros devocionais <sup>149</sup>; os ambientes de recolhimento e oração <sup>150</sup>; as devoções propriamente ditas <sup>151</sup> (remetendo, para os aspectos em que a «devoção» intercepta esferas já tratadas, como as peregrinações ou as leituras, para o que dissemos antes sobre elas). A este respeito, de novo, salientaríamos tanto a importância de renovação teórica a partir das abordagens estrangeiras <sup>152</sup>, como a vantagem de frequentar os historiadores modernistas,

---

do fenómeno, reunindo as várias personagens na nossa Idade Média, pode ver-se em ROSA – A santidade no Portugal medieval.

<sup>148</sup> Para além das sínteses que constam dos vols. 1 e 2 da *HISTÓRIA da Arte portuguesa*. Dir. Paulo Pereira. [Lisboa]: Temas e Debates, 1995, cf., por exemplo, DIAS, Pedro – *Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510: aspectos artísticos*. Coimbra: História de Arte, 1979 (esta importante fonte têm de resto sido alvo de vários estudos com interesse no tópico, por Virgílio Correia, Maria José Ferro, Luís Pequito, Rosalina Carmona); GONÇALVES, A. Nogueira – *O tesouro de D. Isabel de Aragão, rainha de Portugal*. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro, 1983; ROSAS, Lúcia C. – Escultura e ourivesaria. In *NOS CONFINS da Idade Média*. Porto: Instituto Português de Museus, 1992, p. 79-84; *MUSEU Nacional de Arte Antiga*. Lisboa: INAPA, 1999; SILVA, Nuno Vassallo e – Notas sobre o simbolismo do relicário da Rainha D. Leonor. *Póvoa do Varzim. Boletim cultural*. 26: 2 (1989) 563-571; OREY, Leonor d'; SILVA, Nuno Vassallo e – *Relíquias e relicários: Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1996. ROSA – «As almas herdeiras», p. 395 ss.; PEREIRA, Fernando A. Baptista – *Arte portuguesa da Época dos Descobrimentos*. Lisboa: C.T.T., 1996; *FRANCISCO Henriques: um pintor em Évora no tempo de D. Manuel I. Catálogo da Exposição*. Coord. António Camões Gouveia. Lisboa: CNCDP, 1997; *O SENTIDO das imagens: escultura e arte em Portugal: catálogo*. Coord. Maria João Vilhena de Carvalho. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2000; *O BRILHO do Norte: escultura e escultores do Norte da Europa em Portugal: época manuelina: catálogo*. Coord. António Camões Gouveia. Lisboa: CNCDP, 1997; *ESTUDOS sobre escultura e escultores do Norte da Europa em Portugal*. Coord. Pedro Dias. Lisboa: CNCDP, 1997.

<sup>149</sup> Cf. a nossa síntese, com bibliografia, em «*As almas Herdeiras*», p. 349 ss.

<sup>150</sup> Cf. a nossa síntese, com bibliografia, em «*As almas Herdeiras*», p. 383 ss.

<sup>151</sup> Sobre o culto mariano, há inúmeros pequenos estudos, em geral de carácter local; cf. perspectivas mais abrangentes em COSTA, Avelino de Jesus – *O culto mariano em Portugal e sobretudo em Braga, Coimbra e Lisboa nos séculos XII a XV*. Roma: Pontificia Academia Mariana Internacional, 1979; IDEM – *O culto de Nossa Senhora da Conceição em Portugal, até ao século XVI*. Braga: [s.n.], 1988; FARIA, Francisco Leite – Crença e culto da imaculada Conceição em Portugal. *Revista Española de Teologia*. 44: 1 (1984) 137-159; sobre o culto dos santos, cf. supra, notas 47-53.

<sup>152</sup> BOSSY, John – Christian life in the Middle Ages: prayers. *Transactions of the Royal Historical Society*. 1 (1991) 137-148; REINBURG, Virginia – Note on John Bossy, «Prayers». *Transactions of the Royal Historical Society*. 1 (1991) 148-150; IDEM – Liturgy and the laity in late medieval and Reformation France. *Sixteenth century Journal*.

em cujas análises, baseadas em fontes mais ricas, encontramos com frequência a «concretização das tendências» observadas antes <sup>153</sup>.

A forma, os meios e os ambientes em que os leigos eram introduzidos nestes temas, pela igreja institucional, são campos onde se tem feito algum trabalho – embora já datado, na sua maior parte, e a pedir continuação. A catequização foi estudada por Isaías da Rosa Pereira <sup>154</sup>, e textos catequéticos conhecem-se mercê do labor de Mário Martins <sup>155</sup> e Isabel Cepeda <sup>156</sup>; há poucos anos, a edição do *Cathecismo pequeno*, de D. Diogo de Ortiz <sup>157</sup>, veio trazer novos dados, se bem que para o final do nosso período. A pregação, sob a perspectiva do seu impacto social, foi alvo de três importantes trabalhos: o de José Antunes, estudando o tratamento da temática do poder, por parte de Sto. António e Fr. Paio de Coimbra <sup>158</sup>; e, num registo transversal, os levantamentos de Patrícia Obder de Baubeta (com tentativa de constituição de um *corpus* coerente e boa bibliografia de enquadramento sociocultural do fenómeno <sup>159</sup>), de José Marques <sup>160</sup> e de João Francisco Marques <sup>161</sup>; refiram-se ainda alguns estudos mais sectoriais <sup>162</sup>.

---

23 (1992) 926-947; Hearing lay people's prayer. In *CULTURE and identity in early Modern Europe (1500-1800): essays in honour of Nathalie Zemon Davis*. Ann Arbor: U. Michigan P., 1994, p. 19-39. MOEGLIN, Jean-Marie – *L'intercession du Moyen Age à l'époque moderne: autour d'une pratique sociale*. Genève: Droz, 2004.

<sup>153</sup> Dispomos, sobre as devoções em Época moderna, das páginas fundamentais de MARQUES, João Francisco – A renovação das práticas devocionais. In *HISTÓRIA religiosa de Portugal*, vol. 2, p. 558 ss.

<sup>154</sup> PEREIRA, Isaías da Rosa – A vida do clero e o ensino da doutrina cristã através dos sínodos medievais portugueses. *Lusitania Sacra*. 10 (1978) 37-74; IDEM – O ensino da doutrina cristã nos séculos XIII a XVI. In CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA SOBRE MISSIONAÇÃO PORTUGUESA E ENCONTRO DE CULTURAS – *Missionação portuguesa e encontro de culturas: actas*, vol. 1, p. 357-370.

<sup>155</sup> MARTINS, Mário – O mais antigo catecismo em português. *Brotéria* 59 (1954) 178-184.

<sup>156</sup> Uma «cartinha» em língua portuguesa desconhecida dos bibliógrafos. In *COLÓQUIO SOBRE O LIVRO ANTIGO*, Lisboa, 1988 – *V Centenário do livro impresso em Portugal 1487-1987: actas*. Lisboa: BN, 1992, p. 79-92

<sup>157</sup> *O «CATHECISMO Pequeno» de D. Diogo de Ortiz, bispo de Viseu*. Ed. crít. de Elisa Maria Branco da Silva. Lisboa: Colibri, 2001.

<sup>158</sup> ANTUNES, José – *A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV: juristas e teólogos*. Coimbra: [s.n.], 1995, cap. II. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra. Texto policopiado.

<sup>159</sup> BAUBETTA – *Igreja, pecado e sátira social*.

<sup>160</sup> MARQUES, José – A pregação em Portugal na Idade Média. *Via Spiritus*. 9 (2002) 317-347.

<sup>161</sup> MARQUES, João Francisco – A pregação medieval portuguesa. In *OS REINOS*

No entanto, quase nada se sabe sobre a recepção dos sermões; uma interessante exceção é o caso das pregações de um certo Mestre Paulo, na Braga dos anos '80 do séc. XV, cujos sermões tinham levado a exaltações populares contra os judeus <sup>163</sup>...; num campo a vários títulos oposto, mas elucidando-nos também sobre a relação dos leigos com a palavra sacra, vejam-se as detalhadas e claras instruções que D. Duarte entrega aos pregadores encarregues de sermões politicamente importantes (sensíveis?), como foram os das exéquias de D. João I e Nuno Álvares Pereira <sup>164</sup>; ou, em registo oposto a ambos, a forma como Gil Vicente utiliza os sermões na sua produção teatral <sup>165</sup>.

No que diz respeito ao tema da confissão, têm sido sobretudo estudados os textos orientadores dos eclesiásticos <sup>166</sup>. Seria igualmente desejável investigar a sua recepção das novas práticas confessionais, no âmbito de processos tão importantes quanto a passagem dos sistema da penitência pública ao da confissão auricular <sup>167</sup>. Além disso, a modalidade mais «elevada» da

---

*ibéricos na Idade Média: livro de homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno.* Coord. de Luís Adão da Fonseca, Luís Carlos Amaral, Maria Fernanda Ferreira Santos. Vol. 2. Porto: Civilização, 2003, p. 599-621.

<sup>162</sup> CAEIRO, F. da Gama – Ensino e pregação teológica em Portugal na Idade Média: algumas observações. *Revista Española de Teología.* 44: 1 (1984) 113-135. HAUF, Albert G. – El «ars praedicandi» de Fr. Alfonso d'Alprão, OFM. Aportación al estudio de la teoría de la predicación en la Península Ibérica. *Archivum Franciscanum Historicum.* 72: 3-4 (1979) 233-329; MATTOSO, José – Estratégias da pregação no século XIII. *Ler história.* 5 (1985) 105-118.

<sup>163</sup> MORENO, Humberto B. – As pregações de Mestre Paulo contra os judeus bracaraenses nos fins do século XV. In *Exilados, marginais*, p. 139-148.

<sup>164</sup> Os textos encontram-se no «Livro dos Conselhos» (*LIVRO dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa): edição diplomática.* Ed. João Alves Dias. Lisboa: Estampa, 1982, p. 225-29 e p. 236-37). Sobre o primeiro veja-se DINIS, A. J. Dias – Esquema de sermão de el-rei D. Duarte para as exéquias de D. João I, seu pai. *Colecânea de Estudos.* 5 (1954) 211-242; FONSECA, L. Adão – A morte como tema, p. 520-21. Sobre o segundo, ROSA – A santidade no Portugal medieval, p. 435.

<sup>165</sup> CRUZ, Duarte Ivo – Presença dos sermões satíricos e das pregações teatrais dos goliardos em Gil Vicente. In *OS REINOS ibéricos na Idade Média*, vol. 2, p. 377-385.

<sup>166</sup> *Tratado de confissom (Chaves, 1489).* Ed. diplomática, estudo histórico e informático-linguístico de José Barbosa Machado. Braga: Ed. APPACDM, 2003 (com um bom texto de contextualização histórica e apresentação de fontes); BRAGANÇA, Joaquim O. – *Memorial dos pecados* de Garcia de Resende. *Didaskalia.* 9 (1979) 206-236; ANTUNES, José – *A cultura erudita portuguesa*, cap. IV.

<sup>167</sup> MATTOSO, José – Pecados secretos. *Sigila. Revue transdisciplinaire franco portugaise sur le secret.* 5 (2000) 31-60. Veja-se também ROSA, M.<sup>a</sup> de Lurdes – Sagrado, devoções e religiosidade.

direcção espiritual, de que temos testemunhos para meios da elite leiga, é um último tema a investigar, de que se colhem múltiplos exemplos. Os testamentos falam de «pais espirituais», avultando, entre os orientandos, as mulheres <sup>168</sup>; o padre Paulo de Portalegre era o confessor e conselheiro espiritual do duque D. Fernando de Bragança, e escreve para a viúva epístolas de consolação, nas quais se condensa todo um modelo de orientação e domínio da dor pelos grandes do mundo, erigindo por fim o sentenciado em modelo de bom cristão à hora da morte cruel <sup>169</sup>; o marquês de Vila Real, D. Fernando de Noronha, procurava consolo espiritual junto dos franciscanos observantes de Caminha <sup>170</sup>. Estes últimos exemplos permitem-nos evocar um tema associado, ao espelharem as relações entre os senhores e os seus confessores e/ou capelães, no seio da estrutura «casa». Perceber como todos estes actos se processavam nos dois outros ambientes a isto propícios – a família/ casa e as confrarias/ outras associações caritativo-devocionais – é um último tópico, porventura ainda menos investigado que os anteriores, embora desde há muito, noutras tradições historiográficas, se chame a atenção para a importância que aqui assumem os ambientes informais. <sup>171</sup> As súplicas do Vaticano sobre altares portáteis e licença para confessor privado, em alta durante todo o século XV, parecem-nos ser indícios da

---

<sup>168</sup> ROSA – «*As almas herdeiras*», p. 304 ss. A questão da direcção espiritual das mulheres é também um tema caro às novas historiografias de «género», que interrogam as relações com o confessor, o domínio e controle de devoções afectivas e místicas, etc.; cf., entre outros, GARÍ, Blanca – El confessor de mujeres, mediador de la palabra feminina en la Edad Media?. *Medievalia*. 11 (1994) 131-142.

<sup>169</sup> Rosa – D. Jaime, duque de Bragança, p. 324; SOBRAL – Um autor ignorado.

<sup>170</sup> Rosa – D. Jaime, duque de Bragança: entre a cortina e a vidraça, p. 326; AUBIN, Jean – Vieille noblesse et temps nouveaux: les amertudes du Marquis de Vila Real. In *LE LATIN et l'astrolabe*. Éd. posthume prep. Maria da Conceição Flores; L. F. Thomaz; Françoise Aubin. Vol. 3: *Études inédites sur le règne de D. Manuel (1495-1521)*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2006, p. 61-101.

<sup>171</sup> DELUMEAU, Jean – *La religion de ma mère: le rôle des femmes dans la transmission de la foi*. Paris: Cerf, 1992; SWAIN, Elisabeth – Faith in the family: the practice of religion by the Gonzaga. *Journal of Family History*. 8 (Summer 1983) 177-189; WEBB, Diana M. – Women and home: the domestic setting of late medieval spirituality. In *WOMEN in the church*. Ed. W. J. Sheil; Diana Wood. Oxford: Basil Blackwell, 1990, p. 159-173; BÉRIOU, Nicole – The right of women to give religious instruction in the thirteenth century. In *WOMEN preachers and prophets through two millenia of Christianity*. Ed. Beverly Kienzle; Pamela J. Walker. Berkeley: U. California P, 1998, p. 134-145; MUESSIG, Carolyn – Prophecy and song: teaching and preaching by medieval women. In *WOMEN preachers and prophets*, p. 146-158; PACINI, Gian Piero – La predicazione laicale nelle confraternite. *Ricerche di Storia sociale e religiosa*. 17-18 (1986) 13-27.

realidade da vivência privada da religiosidade onde a direcção espiritual assumiria alguma relevância <sup>172</sup>.

Um último campo historiográfico que passaremos em revista é o da ligação entre o mundo leigo e as estruturas eclesiásticas, na esfera a que chamaríamos sociopolítica: a forma como os leigos se socorreram e serviram da Igreja regular e secular para colocar filhos e filhas e, reciprocamente, as acções e reacções daquela, no mesmo âmbito (sem dar a este fenómeno qualquer dimensão instrumental); por outro, as maneiras como os dois grupos de agentes interagiram em relações de poder <sup>173</sup>. A obra pioneira neste domínio levou longe o seu Autor, em termos de campos de interesse: referimo-nos ao percurso historiográfico de José Mattoso que, começando na identificação dos protagonistas leigos do desenvolvimento dos mosteiros beneditinos no Norte de Portugal, iria conduzir à formulação explicativa da fundação da nacionalidade <sup>174</sup>... Nesta senda muitos trabalhos se sucederam, para outras ordens religiosas e outras épocas <sup>175</sup>, e há

---

<sup>172</sup> «*As almas herdeiras*», p. 390 ss.

<sup>173</sup> Focaremos os trabalhos que trabalharam mais este tema, e não o já vasto conjunto de monografias sobre mosteiros e conventos. Sobre estes ver VILAR, Hermínia – História da Igreja medieval em Portugal: um percurso possível pelas provas académicas. *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002); a comunicação da autora nestas Jornadas: Estruturas e protagonistas religiosos na historiografia medieval portuguesa; e *ORDENS religiosas em Portugal: das origens a Trento: guia Histórico*. Dir. Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

<sup>174</sup> A tese de doutoramento, *Le monarchisme ibérique et Cluny: les monastères du diocèse de Porto de l'an mille à 1200*. Lovaina: Imp. Orientaliste, 1968, aborda o tema de forma ainda parcial; pouco depois, porém, o A. começa a publicar extensamente sobre ele: cf., cit. apenas os primeiros trabalhos: As famílias condais portugalenses dos séculos X e XI. *Studium generale*. 12 (1968-89) 59-115; A nobreza rural portuense nos séculos XI e XII. *Anuario de estudios medievales*. 6 (1969) 465-520. A nobreza portugalense dos séculos IX a XI. *Do tempo e da história*. 3 (1970) 35-50. Numa segunda fase, o A. continua a tratar o tema, entre outros trabalhos; destacam-se agora: A nobreza de Entre-Douro e Minho na história medieval de Portugal. *Papel das áreas regionais na formação histórica de Portugal*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1975, p. 37-62; A primeira tarde portuguesa. *Revista de Guimarães*. 88 (1978) 159-186; *Ricos-homens, infanções e cavaleiros: a nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*. Lisboa: Guimarães Editores, 1982. Finalmente, é apresentada uma vasta síntese sobre a formação da nacionalidade, englobando e desenvolvendo a ideia original, em *Identificação de um país: ensaio sobre as origens de Portugal: 1096-1325*, 2 vols., Lisboa: Estampa, 1985-1986.

<sup>175</sup> Remetendo para a bibliografia citada na nota 173, pois praticamente todos os trabalhos de índole científica, mesmo os mais dedicados à gestão do património, incluem análises da componente sociológica e/ou fichas prosopográficas; salientaremos apenas, por nos parecerem mais interessados nesta temática, dentro do vasto campo de assuntos da história

trabalhos em curso sobre dominicanos, lóios, clarissas e eremitas, que, não o tendo como central, sem dúvida o abordarão <sup>176</sup>. A sociologia e as estratégias sociopolíticas das ordens militares, bem como, parcialmente, a sua espiritualidade, foram já alvo de numerosos inquéritos <sup>177</sup>. Porém, sublinharíamos que há que «olhar a partir do outro lado», o activismo leigo. Neste campo, e a benefício de inventário, apenas, seria útil e oportuno estudar a questão da intervenção dos leigos na reforma das ordens religiosas, bem como as diversas formas de patronato, mecenato e protecção <sup>178</sup>.

---

monástico-conventual: MARTINS, Rui Cunha – *Património, parentesco e poder: o mosteiro de Semide do século XII ao século XV*. Lisboa: Escher, 1992; MARTINS, Rui Cunha; COELHO, Maria Helena – O monaquismo feminino cisterciense e a nobreza medieval portuguesa. *Theologica*. 28: 2 (1993) 481-506; RÊPAS, Luís Miguel – *Quando a nobreza trajava de branco: a comunidade cisterciense de Arouca durante o abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)*. Leiria: Magno, 2003; REPAS, Luís Miguel – As abadessas cistercienses na Idade Média: identificação, caracterização e estudo das trajectórias individuais ou familiares. *Lusitania Sacra*. 17 (2005) p. 63-92; GOMES, Saul – Acerca da origem social das monjas cistercienses de Santa Maria de Cós (Alcobaça) em tempos medievos. *Revista Portuguesa de História*. 36: 1 (2002-2003) 141-160; os estudos sobre famílias das elites urbanas têm também demonstrado a importância das preferências religiosas nos parâmetros de inserção e ascensão social (por exemplo MARTINS, Miguel – A família Palhavã (1253-1357): elementos para o estudo das elites dirigentes da Lisboa medieval. *Revista Portuguesa de História*. 32 (1997-1998) 35-93; IDEM – Os Alvernazes: um percurso familiar e institucional entre finais de Duzentos e inícios de Quatrocentos. *Cadernos do Arquivo Municipal*. 6 (2002) 10-43; VENTURA, Leontina – O elemento franco na Coimbra do século XII: a família dos Rabaldes. *Revista Portuguesa de História*. 36: 1 (2002-2003) 89-114; (ANDRADE, Maria Filomena – Opções religiosas das elites lisboetas: o convento de Chelas no século XV. In Lisboa medieval. Os rostos da cidade, p. 221-231; RÊPAS, Luís Miguel – Entre o mosteiro e a cidade: o recrutamento social das *donas* de Odivelas, IDEM, p. 232-238; BRANQUINHO, Isabel – As *sorores* de S. Vicente de Fora: uma primeira abordagem, IDEM, p. 239-258).

<sup>176</sup> MOITEIRO, Gilberto – *A Infanta Santa Joana e as “santas” mulheres do Mosteiro de Jesus de Aveiro: vivências e construção hagiográfica*; FONTES, João Luís – *Uma Experiência Eremitica no Portugal dos Séculos XIV e XV: os Homens e as Mulheres da Pobre Vida*; ANDRADE, Maria Filomena – *O Monaquismo Feminino na Baixa Idade Média – As Clarissas em Portugal (Sécs. XIII-XIV)*; PINA, Maria Isabel Castro – *Os Lóios em Portugal: Origem e Primórdios da Congregação dos Cônegos Seculares de São João Evangelista*; SANTOS, Maria Leonor Silva – *A Implantação dos Pregadores em Portugal e a sua presença em Lisboa na Baixa Idade Média*.

<sup>177</sup> Cf. VILAR, Hermínia – História da Igreja medieval, p. 579; IDEM – Estruturas e protagonistas religiosos na historiografia medieval portuguesa. *Lusitania Sacra*. 21 (2009) 125-151; a colecção dedicada à temática das ordens militares (*Militarium Ordinum Analecta*, da Fundação Engº António de Almeida); e as actas dos Encontros sobre Ordens Militares organizadas pelo Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, da Câmara Municipal de Palmela.

A Igreja secular tem sido menos trabalhada sob perspectiva das relações sociopolíticas com o mundo leigo, mas o panorama começa mudar, em função dos trabalhos da última década, sobretudo no que diz respeito às estruturas mais elevadas<sup>179</sup>; de facto, escasseiam quase totalmente os relativos a paróquias, onde se surpreenderia bem melhor a relação leigos/ /eclesiásticos (em boa parte pelo problema das fontes – ideia que, contudo,

---

<sup>178</sup> Cf. primeiras abordagens em ROSA – A fundação do mosteiro da Conceição; IDEM – D. Jaime, duque de Bragança; IDEM – Além da aventura, aquém do capitalismo; IDEM – A religião no século, p. 440-444, p. 492-505; IDEM – «*As almas herdeiras*», p. 426 ss. A tese de Vítor Teixeira, se bem que tenha abordado o assunto do papel dos leigos na reforma da ordem franciscana de forma muito parcelar, fornece uma primeira base de estudo desta «reforma», essencial a vários títulos: a dimensão da estrutura franciscana em Portugal, a sua ligação privilegiada ao mundo leigo, a conflituosidade que caracterizou a Ordem, o carácter pioneiro e «experimental» da acção régia nesta «reforma» (TEIXEIRA, Vítor Gomes – *O movimento da Observância franciscana em Portugal (1392-1517): história, cultura e património de uma experiência de reforma religiosa*. 3 vols. Porto: [s.n.], 2004. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Porto. Texto policopiado).

<sup>179</sup> Embora não haja trabalhos especificamente dedicados ao enfoque que referimos, na quase totalidade dos trabalhos sobre a Igreja secular se encontrarão elementos sobre ele; remetemos para os estados da questão e bibliografias sobre aqueles, nomeadamente: JORGE, Ana Maria; VILAR, Hermínia – A permanência no século. In *HISTÓRIA Religiosa de Portugal*, vol. 1, p. 237-252; VILAR, Hermínia – História da Igreja medieval; RODRIGUES, Ana Maria [et al.] – *Os capitulares bracarense (1245-1374): notícias biográficas*. Lisboa: CEHR-UCP, 2005; *A Igreja e o clero português no contexto Europeu: colóquio internacional*. Lisboa: CEHR-UCP, 2005; o tomo 17 (2005) da *Lusitania Sacra* foi dedicado à temática “Clérigos e religiosos na sociedade medieval” (destacando-se aqui, no sentido que nos interessa, os artigos de Maria Antonieta Costa e Mário Farelo); pela especificidade da abordagem, deve mencionar-se FARELO, Mário Farelo – *O cabido da Sé de Lisboa e os seus cónegos (1277-1377)*. Lisboa: [s.n.], 2003. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa. Texto policopiado; Decerto muitos outros elementos serão disponibilizados após a conclusão do projecto «*Fasti ecclesiae Portugaliae*»: *prosopografia do clero catedralício português (1071-1325)* (sobre este, cf. JORGE, Ana Maria – «*Fasti ecclesiae Portugaliae*»: *prosopografia do clero catedralício português (1071-1325)*. *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002), p. 665-666. Seria desejável a continuação deste projecto para o período tardo-medieval; salientaríamos apenas que, para este período em particular, se revelam extremamente ricas algumas fontes ainda pouco utilizadas, que seria importante localizar e/ou explorar em maior pormenor, como sejam as «matrículas das ordens», cf. GOMES, Saúl – As «matrículas de ordens»: de elemento diplomático a acontecimento histórico: subsídio para o estudo do clero português no final dos tempos medievos. *Lusitania Sacra*. 13-14 (2001-2002) 229-266 e IDEM – Clérigos regulares nas ordenações sacras da Sé de Coimbra no século XV. *Lusitania Sacra*. 17 (2005) 227-254, ou a imensa massa documental das súplicas papais, tanto as das séries “*Registri Vaticani*” e “*Registri delle supliche*” (neste momento o *Archivio Segreto Vaticano* tem prontos, da primeira, cerca de 600 CD’s, num total de 2020 previstos; da segunda, 265, em 7.361!).

tem o seu quê de mítico <sup>180</sup>). Ficamos assim de fora – sem real fundamento heurístico – de um dos campos que mais tem interessado o medievalismo inglês, nomeadamente, com resultados interessantíssimos <sup>181</sup> (bem como outras historiografias, em menor grau <sup>182</sup>).

---

<sup>180</sup> Já em 1980, José Mattoso fazia um apelo à investigação neste tema, elencando fontes e temas de estudo [A História das paróquias em Portugal. In *Portugal medieval*, p. 37-56 (a 1.ª edição em português, do ano de 1984)]. No que toca à paróquia como local de vivências religiosas activas dos leigos, há de facto ainda muito a fazer. Têm sido trabalhadas quase exclusivamente as colegiadas, cuja documentação subsistente não tem, porém, permitido o aprofundamento da componente sociológica leiga (cf. lista e observações em VILAR, Hermínia – História da Igreja medieval, p. 575-76; e RODRIGUES, Ana Maria – Colegiadas. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal. A-C*, p. 399-402). No entanto, mesmo aqui, seria preciso averiguar bem toda a documentação classificada nos arquivos como sendo de «Colegiadas», porque por vezes inclui documentos mal indexados que na verdade pertenciam à estrutura paroquial propriamente dita – no IAN/TT por exemplo, relativo às «colegiadas» de Lisboa, isto é mais que certo (há tombos dos bens da igreja, de capelas, inventários «da fábrica», etc.). Por outro lado, continuam por explorar, sob ponto de vista dos «fregueses», as riquíssimas fontes que são as visitas (diocesanas e outras, como as das ordens militares). Dois casos bastam para exemplificar vitalidades leigas – referimo-nos aos documentos editados em CARMONA, Rosalina – *Lavradio: a igreja de Santa Margarida 1492-1569: visitas e provimentos da Ordem Militar de Santiago*, p. 35-39, Lavradio: Junta de Freguesia do Lavradio, 2004; e MARQUES, Maria Alegria – *Duas visitas em igrejas dos coutos de Alcobaça, no século XV. A propósito de um litígio. Biblos. 72* (1996) 175-221. Por fim, se é incontornável que restam poucos fundos paroquiais «de per se», é ainda possível reconstruir documentação através dos fundos documentais de instituições que se relacionavam com a paróquia ou os paroquianos, o que abre muito os horizontes. A título de exemplo, os testamentos dos leigos de Lisboa conservados em fundos vários – eclesiásticos e régios – fornecem-nos informação relevante sobre a relação dos testadores com as paróquias de origem (cf. ROSA – *As «almas herdeiras»*, p. 300 ss.).

<sup>181</sup> *PARISH, Church and People: Local Studies in Lay Religion, 1350-1750*. Ed. S. J. Wright. Londres: Unwin Hyman, 1988; BURGESS, Clive; KÜMIN, Beat – Penitential bequests and parish regimes in late medieval England. *Journal of Ecclesiastical History*. 44: 4 (Out. 1993) 610-630; BROWN – *Popular piety in late medieval England*; DUFFY – *The stripping*, p. 131 ss.; BURGESS, Clive – *Shaping the parish: St. Mary at Hill, London, in the fifteenth century*. In *THE CLOISTER and the world*, p. 246-286; *THE PARISH in English Life, 1400-1600*. Ed. French, K.L. [et al.]. Manchester: Manchester UP, 1997; WARD, Rachel – *The foundation and function of perpetual chantries in the diocese of Norwich, c. 1250-1547*. Oxford: tese de PH.D, 1998; FRENCH, K. – *The people of the Parish: community life in a late medieval English Diocese*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, cop. 2001; *THE PARISH in medieval and early modern Ireland*. Ed. Elizabeth Fitzpatrick; Raymond Gillespie. Dublin: Four Courts press, 2006.

<sup>182</sup> Para o caso italiano, cf., por exemplo, *LE ISTITUZIONI ecclesiastiche della "Societas Christiana" dei secoli XI-XII: diocesi, pievi e parrocchie*. Milano: Centro di

Não deixa novamente de ser emblemático da falta de autonomia da esfera da religiosidade dos leigos, enquanto objecto de investigação, que haja uma quase total terra incógnita quanto a ordens terceiras, conversos, donatos, devotos e devotas, beguinas, irmãos leigos<sup>183</sup>. Os estudos de João Luís Fontes têm revelado a existência de agrupamentos destas naturezas, e a sua tese de doutoramento, em preparação, decerto trará mais novidades<sup>184</sup>. Boa parte da sua pesquisa assenta em fundos documentais até agora praticamente desconhecidos e não tratados, apesar de estarem disponíveis num arquivo público... A edição de uma versão bastante completa da perda

---

studi medioevali. 1977; *LA PARROCHIA nel Medio Evo. Economia, scambi, solidarietà*. Ed. A. Paravicini Bagliani; Véronique Pasche. Roma: Herder, 1995; para o francês, cf. a bibliografia temática da SHMESP (<http://sid.ish-lyon.cnrs.fr/shmesp/index.php?idindex=03.2.3>, consultado em 23-04-2007).

<sup>183</sup> Ao contrário do caso francês (cf., por exemplo, *LES MOUVANCES laïques des ordres religieux: actes du 3e. colloque internationale du CERCOR*. Saint Étienne: Publ. de l'Univ. de St. Étienne, 1996; MIRAMON, Charles de – *Les donnés au Moyen-Âge: une forme de vie religieuse laïque v.1180-v.1500*. Paris: Cerf, 1999) e, embora em menor medida, do espanhol [Sanz Sancho, Iluminado – La parroquia de San Pedro de Cordoba en la baja Edad Media. *Hispania Sacra*. 43: 88 (1991) 715-734], só para citar realidades mais parecidas com o panorama português, ultrapassando-se assim a ideia de que estes fenómenos só teriam tido peso nas áreas flamenga, alemã e italiana. Seria útil, para já, reunir os (poucos e dispersos) dados que se encontram nos estudos sobre ordens/ mosteiros, em geral sobre «familiares», irmãos, servidores e criados. Repare-se, por ex., a um outro nível de fontes mas reflectindo a importância das funções reais e, sobretudo, morais destas pessoas, que nas pequenas hagiografias conventuais, nos «milagres» de devoção, nos *exempla*, surgem com frequência os «servos» (irmãos, porteiros, servidoras) «santos», lembrando como a humildade, a simplicidade e a «ignorância» podiam permitir o acesso a Deus. No início do século XVI, esta figura tem peso suficiente para que André de Resende a vida de Frei Pedro, porteiro do mosteiro dominicano eborense (RESENDE, André de – *A santa vida e religiosa conversação de Frei Pedro, porteiro do mosteiro de S. Domingos de Évora*. Transcr., introd. e notas por Serafim da Silva Neto; pref.-estudo de Jaime Cortesão; Rio de Janeiro: Dois Mundos, [1947]).

<sup>184</sup> FONTES, João Luís – A pobre vida no feminino: o caso das Galvoas de Évora. In ENCONTRO CIENTÍFICO O CORPO E O GESTO NA CIVILIZAÇÃO MEDIEVAL, Lisboa, 2003 – *O corpo e o gesto na civilização medieval: actas do Encontro*. Coord. Ana Isabel Buescu [et al.]. Lisboa: Colibri; IEM, 2005, p. 157-178; IDEM – Cavaleiros de Cristo, monges, frades e eremitas: um percurso pelas formas de vida religiosa em Évora durante a Idade Média (sécs. XII a XV). *Lusitania Sacra*. 17 (2005) 39-62; IDEM – Reclusão, eremitismo e espaço urbano: o exemplo de Lisboa na Idade Média. In *Lisboa medieval. Os rostos da cidade*, p. 259-277; IDEM – Percursos de um antigo ermitério medieval: o oratório do Alentejo, no termo de Óbidos (no prelo, vol. de homenagem à Prof. Iria Gonçalves); sobre a sua tese, cf. supra, nota 51.

(ou conhecida apenas em fragmentos menores) «crónica» dos Lóios, o *Novo Memorial do Estado Apostólico*, de Paulo de Portalegre, por Cristina Sobral, veio também, entre outras coisas, comprovar não só a disseminação de locais eremíticos pelo sul de Portugal, como a existência de fortes relacionamentos entre eles e uma ordem apontada como o paradigma da reforma religiosa «intelectualizante» e «de corte»<sup>185</sup>. O manuscrito não estava numa inalcançável «coleção privada», mas sim nos «Manuscritos da Livraria», no IAN/TT; e de resto a mesma coleção inclui, por exemplo, um «livro de capítulos» dos mesmos Cónegos de S. João Evangelista, com numerosas indicações sobre eremitas e beatas, bem como sobre «amigos» e «benfeitores» da Ordem, alguns dos quais se agregavam numa «associação de irmãos leigos» nela filiada, que, a jeito de círculo de orações, reunia desde o rei até uma oleira, passando por várias «beatas»<sup>186</sup>. Aliás, de que outra maneira se explicaria a existência de círculos de oração de leigos, de espaços devocionais «informais», de «beatérios» femininos, no século XVI pré-tridentino – com todos os seus «desvios» à ortodoxia, que pela mesma época reforça de forma vigorosa a tendência para integrar estes movimentos nas formas mais institucionais de vida religiosa?<sup>187</sup>

---

<sup>185</sup> PORTALEGRE, Paulo de – *Novo memorial do estado apostólico*. Edição crítica de Cristina Sobral. Lisboa: Roma Ed., 2007; sobre a obra, veja-se o trabalho anterior da mesma autora, *Decifrando o Memorial*.

<sup>186</sup> Cf. uma primeira abordagem desta fonte e temática apontada em ROSA – «*As almas herdeiras*», p. 308 ss. e em Além da aventura, *aquém do capitalismo?*

<sup>187</sup> Os círculos de oração estão praticamente por estudar, em termos de composição social e de actividade devocional e caritativa; têm sido sobretudo referidos em relação à sua relação com obras de espiritualidade produzidas por leigos que os frequentariam e animariam (cf., por exemplo, MARQUES, João Francisco – A palavra e o livro. In *HISTÓRIA religiosa de Portugal*, vol. 2 p. 419-420; e é preciso ter em conta os ambientes deste tipo que existiriam nas confrarias e misericórdias, pólos em torno dos quais se passou a concentrar muita da actividade caritativa e devocional dos leigos (mas que, para o final do século XV e primeiras décadas do séc. XVI, estão quase totalmente por estudar sobre este prisma). Quanto aos espaços devocionais informais, referimo-nos a locais na esfera da “casa”, do oratório à capela privada. A importância que assumem nas épocas para as quais dispomos de mais estudos (de cerca de meados do século XVI para a frente) (cf., por exemplo, CARVALHO, José A. de F. – Um espaço de oração na Época moderna: o oratório particular: os usos. E também os abusos?. *Via Spiritus*. 7 (2000) 145-162; MARQUES, João Francisco – Orações e devoções. In *HISTÓRIA religiosa de Portugal*, vol. 2, p. 605 ss.) levam-nos a supor que nada disto nasce do zero, mas a verdade é que há pouquíssimos estudos neste sentido para a Época medieval (cf. uma primeira abordagem ROSA – «*As almas herdeiras*», p. 383 ss); os beatérios são muito melhor conhecidos, graças aos trabalhos de

Na verdade, aqui como em outros sectores da historiografia portuguesa, uma prática de fazer História sem ir às fontes, ou recorrendo apenas às fontes mais disponíveis – em geral, fundos régios e crónicas das ordens –, e especulando depois sobre a bibliografia estrangeira a partir de arquétipos como a «originalidade portuguesa» ou a «mão da Inquisição», trouxe perenes incorrecções no olhar.

Alongámo-nos neste exemplo, porque ele nos parece particularmente exemplificador das deficiências metodológicas e teóricas que identificámos de entrada. É provável que tenha alguma verdade a ideia de que as fontes não abundam, mas esta é outra ideia que terá de ser verificada através de um inquérito específico, que identifique e/ ou organize conjuntos documentais (tarefa que infelizmente os arquivistas têm demorado a cumprir...), ou que multiplique a panóplia de fontes, permitindo assim suprir a inexistência de conjuntos documentais imanentes. Mais uma vez, a existência do objecto de estudo não pode depender da disponibilidade arquivística do que seriam as «fontes próprias», mas sim de um conhecimento aprofundado da «paleta heurística». A montante e a jusante, é claro que a definição do questionário é fundamental. Aqui será de mencionar que a maior parte dos estudos – até porque parte de fontes eclesiásticas – tem alguma dificuldade em considerar este tipo de relação dos leigos com as estruturas eclesiásticas no conjunto das acções desta parte da sociedade. Ou seja, a partir da história dos leigos. Neste aspecto, o estudo da forma como os grupos sociais de elite, que o são por formação e poder económico, mas não por estatuto, «escolhem» e constroem eles próprios o seu universo eclesiástico em termos sociológico-políticos, tem imenso interesse, porque não só não tinham propriamente ordens a eles dedicadas (há que rever a questão da base social dos mendicantes), como isso não os embaraça, surgindo como alvos preferenciais das suas ligações e devoções estruturas para-eclesiásticas, como eram as confrarias e os estabelecimentos de assistência<sup>188</sup>. Aliás toda a questão da relação entre os grupos sociais (em especial os privilegiados) e a estrutura eclesiástica deve ser revista, abandonando-se de vez os paradigmas antitéticos – mas iguais na incapacidade de dar conta do real, por fundação em preconceitos – dos «senhores

---

João Luís Fontes (cf. nota 184); o caso espanhol, muito mais estudado, comprova esta tendência – cf., por exemplo, para a trajectória e os meios de integração dos beatérios femininos, MUÑOZ FERNÁNDEZ, Ángela – *Beatas y santas neocastellanas: ambivalencia de la religión y políticas correctoras del poder (ss. XIV-XVII)*. Madrid: Comunidad de Madrid, 1994.

<sup>188</sup> ROSA – Dinheiro, poder e caridade.

pios» e da «compra do Céu». A «economia da salvação» era algo de muito mais complexo, como têm demonstrados os estudos de Jacques Chiffolleau, Anita Guerreau-Jalabert, e muitos outros <sup>189</sup>.

Uma questão ligada a esta, mas com autonomia, é a dos usos políticos do religioso, pelos poderes leigos (porque também os há, pelos eclesiásticos, mas está mais estudado, ainda que, em geral, não segundo esta conceitualização <sup>190</sup>). A relação entre a Coroa e a Igreja tem vindo a ser investigada para os vários reinados <sup>191</sup>; formas mais concretas de «manipulação» política

<sup>189</sup> CHIFFOLEAU, Jacques – Pour une économie de l'institution ecclésiastique à la fin du Moyen-Âge. *Mélanges de l'École française de Rome, Moyen-Âge – Temps modernes*. 96 (1984) 247-279; IDEM – Pour une histoire de la religion et des institutions médiévales du XIIe. au XVe. siècle. *Cahiers d'Histoire*. 36: 1 (1991) 3-21; IDEM – Les transformations de l'économie paroissiale en Provence (XIIe.- XVe. siècles). In *La parrocchia nel Medio Evo: economia, scambi, solidarietà*. Ed. A. Paravicini Bagliani; Véronique Pasche. Roma: Herder, 1995, p. 61-117; IDEM – Les couvents, l'échange, la religion: conclusions. In CONVEGNO INTERNAZIONALE DI STUDI FRANCESCANI, 31, Assisi, octobre 2003 – *L'economia dei Conventi degli Ordini mendicanti: atti*. Espoleto: Centro italiano di Studi francescani, 2004, p. 403-448; GUERREAU-JALABERT, Anita – *Caritas* y don en la sociedad medieval occidental. *Hispania*. 60: 1 2004 (2000) 27-62; IDEM – L' ecclesia; STAUB, Martial – Eucharistie et bien commun: l'économie d'une nouvelle pratique fondatrice à l'exemple des paroisses de Nuremberg dans la seconde moitié du XVe. siècle: sécularisation ou religion civique?. In *LA RELIGION civique à l'époque médiévale et moderne (Chrétienté et Islam)*. Roma: École Française de Rome, 1995, p. 445-470; MAGNANI SOARES-CHRISTEN, Eliana – Transforming Things and Persons: the Gift 'pro anima' in the Eleventh and Twelfth Centuries. In *NEGOTIATING the Gift: pre Modern Figurations of Exchange*. Dir. G. Algazi [et al.]. Francoforte: Max-Planck-Institut für Geschichte 2003, p. 269-284.

<sup>190</sup> Referimo-nos aqui aos usos “políticos” do religioso, pela Igreja, que têm sido investigados desde os anos '70 em chave antropológica, com interessantíssimos resultados: é o caso das investigações sobre «milagres de castigo», usos das imagens e maldições, implementação de «santuários régios» etc. Cf. breve abordagem e bibliografia em ROSA – «*As almas herdeiras*», p. 67 ss; e IDEM – Velhos, novos e mutáveis sagrados.

<sup>191</sup> Um primeiro impulso de renovação está sem dúvida na forma de tratamento do tema por José Mattoso nas suas obras, em particular nas sínteses apresentadas em *Identificação de um País* (1ª ed. 1985). Na investigação mais recente, vejam-se os principais estudos: VENTURA, Maria Margarida Garcês – *Igreja e poder no século XV: dinastia de Avis e liberdades eclesiásticas (1383-1459)*. Lisboa: Colibri, 1997; BRANCO, Maria João Branco – *Poder real e eclesiásticos: a evolução do conceito de soberania régia e a sua relação com a praxis política de Sancho I e Afonso II*. Lisboa: [s.n.], 1999. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Aberta. Texto policopiado; ANTUNES, José – *A cultura erudita*; e as sínteses, reunindo a bibliografia disponível, da *HISTÓRIA Religiosa de Portugal*, vol. 1, bem como das biografias dos monarcas medievais, da coleção editada pelo Círculo de Leitores entre 2005 e 2007. A forma como os eclesiásticos

das expressões religiosas foram estudadas pontualmente, com destaque para a Baixa Idade Média <sup>192</sup>. Um estudo pioneiro de algo que se situa na confluência das esferas «devoção»/ «poder leigo», e foi levado a cabo por outro poder que não o régio – o municipal –, pode ver-se na parte da tese de Adelaide Millán da Costa relativa às procissões, festas e outras comemorações de base

---

constroem a imagem do rei é abordada em alguns destes estudos, e ainda em: NUNES, Elisa Rosa – *Da imagem do rei no «Orto do Esposo»: contribuição para o estudo da personagem do rei na literatura da Idade Média*. Évora [s.n.], 1987. Trabalho de síntese para Provas de Capacidade Científica. Texto policopiado. (obra de provável autoria alcobacense, num momento em que os monges do cenóbio viam declinar a sua influência junto do rei; segundo a A., a questão dos malefícios e perigo moral da função régia, perspassa todo o texto, cf. p. 90-91); SILVÉRIO, Carla – A imagem da realeza na anaística medieval portuguesa dos séculos XI e XII. In CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES, 2 – 2<sup>o</sup> Congresso Histórico de Guimarães, vol. 3, p. 33-41; para além das várias investigações de José Mattoso sobre as «imagens de Afonso Henriques», entre as quais avulta a dos Crúzios (cf., por último, MATTOSO, José – *Afonso Henriques*. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 2006).

<sup>192</sup> Tentando referir os principais trabalhos: DESWARTES, Sylvie – *Les enluminures de la «Leitura Nova» (1504-1552): étude sur la culture artistique au Portugal au temps de l'Humanisme*. Paris: Centre Culturel Portugais, 1977; SOUSA, Armindo de – *A morte de D. João I: um tema de propaganda dinástica*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1984; ALVES, Ana Maria – *Iconologia do poder real no período manuelino: à procura de uma linguagem perdida*. Lisboa: IN-CM, 1985; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – O sangue, a cruz e a coroa; BRAGA, Paulo Drumond – Mecanismos de propaganda do poder real no reinado de D. João II: subsídios. In CONGRESSO INTERNACIONAL BARTOLOMEU DIAS E A SUA ÉPOCA – Congresso Internacional Bartolomeu Dias, vol. 1, p. 263-281; THOMAZ, Luis Filipe – L'idée impériale manuéline. In *La Découverte, le Portugal et l'Europe: actes du Colloque*. Paris: FCG-Centre Culturel Portugais, 1990, p. 35-103; THOMAZ, Luis Filipe; ALVES, Jorge – Da Cruzada ao Quinto Império. In COLÓQUIO A MEMÓRIA DA NAÇÃO – *A Memória da Nação*, p. 81-164; CURTO, Diogo Ramada – Ritos e cerimónias da monarquia em Portugal (séculos XVI a XVIII). In *ibidem*, p. 201-265; MATTOSO, José – A coroação dos primeiros reis de Portugal. In *ibidem* (reed. in *Obras completas*, vol. 1, com modif. e trad. da resposta à contestação de P. Linehan, orig. publ. em 1999, em À propos du couronnement des rois portugais. In *CHEMINS d'Histoire: mélanges pour Robert Durand*. Nantes: Ed. Apogée, 1999, p. 133-146); VENTURA, Maria Margarida Garcês – *O Messias de Lisboa: um estudo de mitologia política (1383-1415)*. Lisboa: Cosmos, 1992; FONSECA, Luís A. – A morte como tema de propaganda; CARVALHO, José Adriano de Freitas – Conquistar e profetizar em Portugal dos fins do século XIV aos meados do século XVI. Introdução a um projecto. *Revista de História*. 11 (1991) 65-93; IDEM – Joachim de Flore au Portugal: XIIIème.-XVIème siècles: un itinéraire possible. In CONGRESSO INTERNAZIONALE DI STUDI GIOACHIMITA, 3, S. Giovanni in Fiore, 1989 – *Il profetismo gioachimita tra quattrocento e cinquecento: atti*. Genova: Marietti, 1991, p. 415-432. Sobre a investigação recente quanto aos usos de “Ourique”, cf. bibliografia em ROSA – O corpo do chefe; ARAÚJO, Ana Cristina – Cultos da realeza e cerimoniais de Estado no tempo de D. Manuel I. In CONGRESSO HISTÓRICO DE

religiosa e religioso-cívica, no Porto tardo-medieval <sup>193</sup>. Num outro plano, entre a devoção privada e a «de corte», na intersecção, ainda, com as ordens religiosas, contam-se já com vários estudos sobre os confesores e directores espirituais de reis, príncipes e princesas <sup>194</sup>. Porém, o vasto conjunto de cerimónias e rituais religiosos públicos e colectivos, nas diversas modalidades (pregação, penitência, intercessão) estão quase totalmente por estudar... <sup>195</sup>

---

GUIMARÃES D. MANUEL E A SUA ÉPOCA, 3 – *D. Manuel e a sua época*, vol. 4, p. 73-94; BUESCU, Ana Isabel – Uma sepultura para o rei. morte e memória na trasladação de D. Manuel (1551). In *Lugares de poder: Europa séculos XV a XX*. Coord. Gérard Sabatier; Rita Costa Gomes. Lisboa: FCG, 1998, p. 185-203; IDEM – Une sépulture pour le roi: la translation de la dépouille du roi Manuel I.er de Portugal au monastère des Jerónimos (1551). In *XIIIe COLLOQUE International de la Société d'Etude du Seizième Siècle: les funérailles à la Renaissance*. Ed. Jean Balsamo. Genève: Droz, 2002, p. 141-158; sobre diferentes modalidades da relação entre religiosidade e arquitectura, a «nova» História de Arte tem produzido importantes estudos, dos quais salientamos os vários trabalhos de Paulo Pereira (por exemplo, *A obra silvestre e a esfera do rei: iconologia da arquitectura manuelina na Grande Estremadura*. Coimbra: Instituto de História da Arte, 1990 ou *De aurea aetate: o coro do convento de Cristo em Tomar e a simbólica manuelina*. Lisboa: IPPAR, 2003); MUCHAGATO, Jorge – *Ideologia e arquitectura religiosa na época de D. Manuel: da réplica ao modelo: uma experiência da temporalidade: de 1800 a 1500 e de 1500 à origens*. Lisboa: [s.n.], 1993. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Texto policopiado; GOMES, Saul – Percursos em torno do panteão quatrocentista de Avis. *Biblos*. 70 (1994) 197-242; IDEM – Os panteões régios monásticos portugueses nos séculos XII e XIII. In CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES, 2 – *2º Congresso Histórico de Guimarães*, vol. 4, p. 283-295; CAETANO, Joaquim – Uma arquitectura de Estado. In *O TEMPO de Vasco da Gama*, p. 211-228; SILVA, José Custódio V. da – *Paços medievais portugueses*. 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa: IPPAR, 2002; IDEM – *O panteão régio do mosteiro de Alcobaça*. Lisboa: IPPAR, 2003; ANDRADE, Luís Coelho de – *A arquitectura religiosa manuelina (contextos, especificidades e regionalismos)*. Lisboa: [s.n.], 2004. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Texto policopiado. Remetemos, para sínteses e bibliografia, para os textos dos vols. 1 e 2 da *HISTÓRIA da Arte portuguesa*; ANTUNES, José – Um livro sempre aberto sobre Afonso I, rei de Portugal. *Revista de História das Ideias*. 20 (1999) 7-29.

<sup>193</sup> COSTA – *Projeção espacial*, p. 336-405.

<sup>194</sup> MARQUES, João Francisco – Franciscanos e dominicanos confesores dos reis portugueses das duas primeiras dinastias. In COLÓQUIO ESPIRITUALIDADE E CORTE EM PORTUGAL, Porto, 1992 – *Espiritualidade e Corte em Portugal: séculos XVI a XVIII*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa, 1993, p. 53-60; GOMES, Rita Costa – *A corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: Difel, 1995, p. 118-120; MENDONÇA, Manuela – O franciscanismo dos monarcas do século XV. In SEMINÁRIOS O FRANCISCANISMO EM PORTUGAL, 1-2, Arrábida, 1994 – *O franciscanismo em Portugal: actas*. Lisboa: Fundação Oriente, 1996-2000, p. 139-152; MORENO, Humberto B. – O poder real e o franciscanismo no Portugal medievo. In *ibidem*, p. 87-96.

<sup>195</sup> Sobre um interessante caso de penitência pública, ver PEREIRA, Armando –

O capital monográfico já disponível e em vias de elaboração é sem dúvida grande, nestes prismas; mas parece-nos importante salientar que, mais uma vez, há perspectivas teóricas praticadas noutros medievalismos que seria interessante aplicar ao nosso caso. Desde logo, a consideração antropológica da relação entre leigos e estruturas eclesiásticas que não esqueça a existência dos santos e entidades sacrais «à testa» destas: o patronato, a encomendação, a prática do dom de bens e de influências tem de ser vista à luz das potências sobrenaturais que se procurava propiciar. Longe de se confinar à Alta Idade Média, ela continua bem presente em tempos tardios – as colocação das capelas fúnebres laicais sob protecção de um patrono santo não é apenas uma questão de devoção, ou melhor, não é uma questão de «devoção» no sentido oitocentista deste termo... Aliás, na mesma linha interpretativa, toda a questão da doação de bens deve ser encarada de modo complexo, que tome em linha de conta fundamental a existência do sistema de circulação do amor como cimento da sociedade<sup>196</sup>.

A consideração dos «leigos» como um objecto de estudo *de per se* passa, de facto, por uma modificação do olhar do historiador, que salte «para lá» do que é a barreira do mundo contemporâneo em relação às sociedades pré-liberais. O mundo da «sociedade de corpos» ficou quase irremediavelmente perdido sob a ominipresença do modelo Estado/ indivíduo... A Igreja «sobrou» porque continuou a existir. Reproduzindo-se de forma diversa e muito mais institucional do que a «casa» ou a «estrutura familiar»/ «linhagística», ela conseguiu adaptar-se aos novos tempos; mas é

---

O Infante D. Fernando de Portugal, senhor de Serpa (1218-1246): história da vida e da morte de um cavaleiro andante. *Lusitania Sacra*. 10 (1998) 95-121; sobre o impacto dos interditos e excomuniões num espaço urbano tardo-medieval, COSTA – *Projeção espacial*, p. 406-422; sobre procissões e cerimónias de intercessão, nomeadamente em caso de guerra, ROSA – Velhos, novos e mutáveis sagrados, p. 71 ss.; o cerimonial régio manuelino foi recentemente revisto, de forma muito interessante, por ARAÚJO, Ana Cristina – Cultos da realeza; seria interessante alargar o campo de estudos, integrando-o no debate que actualmente decorre no medievalismo sobre a análise dos rituais [mais centrado na Alta Idade Média: cf., por exemplo, Geoffrey Koziol; G. Koziol – *Begging pardon and favour: ritual and political order in early medieval France*. Ithaca: Cornell U.P., 1992, e BUC, Philippe – *The Dangers of Ritual: Between Early Medieval Texts and Social Scientific Theory*. Princeton UP, 2001]; para a Baixa Idade Média, entre outros, Jean-Marie Moeglin – Pénitence publique et amende honorable au Moyen Âge. *Revue Historique*, 298: 2 (1997) 225-269].

<sup>196</sup> Remetemos para a discussão destas temáticas e respectiva bibliografia, na nossa dissertação de doutoramento, «*As almas herdeiras*».

também uma enorme ilusão pensar que ela existe tal como era antes do fim do Antigo regime <sup>197</sup>. Quanto àquelas, que eram igualmente instituições, mas com uma «personalidade jurídica» que não emanava de sistemas jurídicos tão perfeitos, desapareceram enquanto tal, por efeito de conjunto de medidas que verdadeiramente lhes «cortaram as raízes» – a abolição dos morgadios, a modificação radical do Direito familiar e sucessório, a concentração dos monopólios da guerra, da educação, da regulamentação da vida social, pelo Estado liberal.

Em termos de postura de investigação, não se trata de nostalgia, mas sim de constatação de que apenas a reconstrução total do tipo de organização social que desapareceu pode permitir perceber as suas várias facetas – sendo que a «religiosidade», no contexto social pré-liberal, ocupa um papel central a este nível <sup>198</sup>. Ora, a reconstrução terá de passar, desde logo, pelo colmatar da que é uma das lacunas de base da nossa investigação: o reagrupamento e correcta organização dos arquivos de família/ confraria/ «casa». Um exercício simples pode ajudar à compreensão da diferença: um «livro de morgadio» que mantém a organização original começa por testamentos, instituições, narrativas e/ou apontamentos sobre a memória das origens (fundação/ identificação institucional); anexa-lhe depois documentos de posse, de partilha, de litígio com as autoridades (gestão/ reprodução/ defesa institucional); junta-lhe por fim, por vezes, registos de carácter afectivo. Em seguida, passa de pai para filho, seguindo o «jus sanguinis» (com a necessária plasticidade para evitar os muitos escolhos sucessórios), constituindo-se em «lei interna»/ barreira ao exterior. Organiza o mundo que o fundador previu, *ad intra*; e dá-lhe armas para se relacionar com o exterior, seja em paz (aumento de bens, por exemplo), seja em guerra (fiscalizações régias/ eclesiásticas) <sup>199</sup>. Pelo contrário, um livro de morgadio «desmembrado» e cujos documentos sejam organizados cronologicamente (a pura lógica da História «científica» oitocentista), nada mais é do que uma sequência de documentos dos quais não se percebe a organicidade – perdendo portanto a sua função de memória e de gestão de um organismo vivo <sup>200</sup>. Por maioria de razão, um «arquivo de família» que

---

<sup>197</sup> Continua essencial a este respeito GUERREAU, Alain – Fief, féodalité, féodalisme: enjeux sociaux et réflexion historique. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 45: 1 (Janeiro-Março 1990) 137-166 e IDEM – *L'avenir d'un passé incertain. Quelle histoire du Moyen-Âge au XXIe siècle?* Paris: Du Seuil, 2001, p. 28 ss.

<sup>198</sup> GUERREAU-JALABERT – *L'ecclēsia médiévale*; IDEM – *Caritas y don*.

<sup>199</sup> Sobre esta peça arquivística fundamental da «casa», cf. ROSA – *O morgadio em Portugal*, p. 221 ss..

<sup>200</sup> É o caso dos documentos do morgadio dos Mirandas, de Guimarães, tal como

não esteja ao dispor do historiador organizado segundo a lógica que o tornava vivo – e essencial para a vida da família – impede a compreensão do seu produtor <sup>201</sup>.

Perdendo-se a concepção orgânica dos corpos «casa»/ família/ linhagem, nunca se perceberão bem estruturas como o morgadio (organizador do direito de família e sucessão), a capela (organizador do sufrágio pelos antepassados), o universo cultural «leigo» (por exemplo, tradições familiares, lendas linhagísticas, educação doméstica <sup>202</sup>), o universo religioso «leigo» (a festa, a religiosidade «privada» – descontando a conotação oitocentista do termo –, as devoções), os ambientes de vida familiar (por exemplo, as «casas-fortes»), a que o poder real vai sucessivamente montando o cerco,

---

estão descritos no site da biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia (estamos em presença, certamente, de um livro do morgadio virtual (senão realmente?) desmembrado (<http://biblioteca.mnarqueologia-ipmuseus.pt/>, consultado em 23-04-2007). A apresentação em formato de catálogo, peça a a peça (em base de dados) faz perder completamente de vista a organicidade deste importante acervo documental (sem com isto querer desmerecer na utilidade prática da base de dados e da sua disponibilização on-line).

<sup>201</sup> Quanto aos arquivos de família, muito continua por fazer, não existindo sequer um levantamento dos existentes; os que se encontram depositados na Torre do Tombo, embora tenham sido alvo de uma utilíssima descrição preliminar, aguardam organização orgânica (*GUIA GERAL dos Fundos da Torre do Tombo*. Vol. 6: *Coleções, arquivos pessoais singulares, de famílias, de empresas, de associações, de comissões e de congressos*. Lisboa: IAN/TT-Direcção de Serviços de Arquivística, 2005, p. 181 ss. Uma promissora hipótese de investigação parece ser o Arquivo dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira, depositado na Torre do Tombo e em vias de descrição documental), pela riqueza do seu acervo e pela existências de inventários antigos, que permitem reconstruir o cartório senhorial como organismo vivo.

<sup>202</sup> Sobre a importância do «campo cultural» para a auto-identificação da nobreza (o grupo para o qual temos mais fontes), e o que há/ resta fazer neste tema, cf. a excelente síntese de OLIVEIRA, A. Resende de – A cultura da nobreza (séculos XII-XV). A cultura, no sentido lato, aparece de facto como fundamental para o reforço do corpo nobiliárquico; neste âmbito, nunca é demais lembrar a importância que assumiram entre nós instrumentos como os «livros de linhagens», cuja utilidade era, também, prática; continuam fundamentais a este respeito os estudos de J. Mattoso sobre as fontes, forma de construção, uso, utilidade, daquelas obras, de que será expoente máximo a sua “Introdução” ao *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, ed. crítica de José Mattoso. Lisboa: Ac. Ciências de Lisboa, 1980, prosseguidos por L. Krus (além das obras citados na nota 88), cf. KRUS, Luís – *A concepção nobiliárquica do espaço ibérico (1280-1380)*. Lisboa: FCG; JNICT, 1994, e de alguns dos seus alunos, como seja Odília Gameiro (cf. GAMEIRO – *A construção das memórias nobiliárquicas*). Seria de prosseguir esta via da memória/ identidade senhorial, retirando os textos da esfera literária (no sentido estrito, já que no lato, a identificação deste grupo social passava por este tipo de produção também... literária), ancorando-o na sua função de reforço do corpo social, na esteira de resto das perspectivas destes Autores. Numa

presentindo o seu papel de elemento identitário e defensivo/ ofensivo <sup>203</sup>) e social (as terras dos «senhores» marcadas pelo seu mecenato e pelos seus sinais de autoridade <sup>204</sup>).

---

concepção global da «religiosidade» deste grupo social, a força dos antepassados e as várias formas de ligação da linhagem aos religiosos (avultando aqui a questão dos locais de sepultura/ sufrágio) são capitais.

<sup>203</sup> BARROCA, Mário – Torres, casas-torres ou casas-fortes: a concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (sécs. XII-XV). *Revista de História das Ideias*. 19 (1997) 39-103.

<sup>204</sup> Alguns casos, já estudados, são elucidativos: LOPES, Amélia Maria – *Os Cabrais: um tempo: a memória: um legado artístico em Belmonte*. Lisboa: [s.n.], 2006. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Texto policopiado; TÁVORA, Luís de Lancastre e – *Um fidalgo português do Renascimento: D. Luis da Silveira, 1º Conde da Sortelha*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1969; ROSA – *O morgadio em Portugal*, p. 211 ss.